

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO JORNALISMO**

HUDSON DE SOUZA NOGUEIRA

**E O “PROFESSOR”, NÃO PODE SER NEGRO? O JORNALISMO ESPORTIVO
E SEU OLHAR SOBRE O RACISMO**

Porto Alegre

2015

HUDSON DE SOUZA NOGUEIRA

**E O “PROFESSOR”, NÃO PODE SER NEGRO? O JORNALISMO ESPORTIVO
E SEU OLHAR SOBRE O RACISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sandra de Fátima Batista de Deus

Porto Alegre

2015

AGRADECIMENTOS

Investiria toda disposição que tive para concluir este trabalho em citar um por um dos que fizeram parte, e me ajudaram no decorrer desta caminhada. Todavia, não há espaço suficiente para que todos caibam nessa breve referência, ao passo que todos ocupam um lugar especial em meu coração.

Mas não posso deixar de exaltar pessoas fundamentais que me proporcionaram força, coragem e determinação quando eu mais precisei.

Em primeiro lugar a DEUS. Ela mesma. Mulher, negra, minha professora, orientadora, conselheira e amiga: Sandra de Deus, por todo o suporte que deu ao longo desses 5 anos na UFRGS. À Soledad, por todo o companheirismo, carinho, dedicação e amor incondicional. À minha mãe, Maria de Nazaré; Evandro, meu padrasto, Neide e Vitor, meus tios, que nunca deixaram de acreditar na minha educação e formação humanista.

E por fim, a todos os (as) confrades que fortaleceram a amizade e parceria ao longo dessa jornada. A todos vocês, o meu muito obrigado!

Nunca tivemos um treinador negro na seleção. E vem lá da década de 30. Leônidas era negro. Zizinho foi outro. E o Didi? Teve de comandar o Peru, a Turquia. O Pelé nunca foi chamado para a seleção. Cadê o Djalma Santos? O Claudio Adão jamais teve oportunidade. Cadê o Andrade, que foi campeão brasileiro?

Eu jamais fui um neguinho sim senhor.

Paulo César Caju

RESUMO

Este estudo apresenta uma análise de notícias dos sites ESPN e da globoesporte.com, referentes aos anúncios de técnicos negros nos clubes da elite do futebol brasileiro, tendo como recorte temporal o período de janeiro de 2013 até novembro de 2015. O intuito principal é averiguar a ocultação do fato desses profissionais serem afrodescendentes. Ancorado nos contextos históricos e sociais do Brasil desde a implantação da prática do novo esporte bretão, passando principalmente pelo processo de exclusão e posterior inserção que os negros passaram ao longo do tempo, até finalmente, observar as abordagens que o jornalismo esportivo trata sobre o tema proposto. Somado a isso, trataremos sobre a maneira como a invisibilidade simbólica e o racismo velado estão presentes, não só no mundo do futebol, mas também na prática jornalística.

Palavras-Chave: técnicos negros; preconceito racial, futebol brasileiro, jornalismo esportivo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Notícias no site da ESPN.....	44
Figura 2 – Página do Bahia no globoesporte.com.....	44
Figura 3 – ESPN anuncia novo comandante do Fluminense.....	46
Figura 4 – GE e a volta de Cristóvão às Laranjeiras.....	46
Figura 5 – ESPN anuncia o fato.....	48
Figura 6 – GE Informa novo técnico do Flamengo.....	48
Figura 7 – Agora no Atlético Paranaense.....	53
Figura 8 – Notícia do GE.....	53
Figura 9 – Confirmada a efetivação de Jayme no Flamengo.....	54
Figura 10 – ESPN anuncia efetivação do técnico.....	55
Figura 11 – Celso Rodrigues orientando o treino da Chapecoense.....	58
Figura 12 – ESPN e o técnico mais barato.....	61
Figura 13 – Assume o discípulo no lugar do técnico.....	62

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 O NEGRO E O FUTEBOL BRASILEIRO.....	13
2.1. O clássico livro de Mario Filho.....	16
2.2. Os treinadores negros	19
2.2.1. Gentil Cardoso	20
2.2.2 Didi – O gênio da Folha Seca	20
2.2.3. Valmir Louruz.....	21
2.2.4. Sergio Bernardino: Serginho Chulapa.....	22
2.2.5. Luiz Carlos Bezerra Pereira: Lula Pereira.....	22
2.2.6. Jorge Luis Andrade da Silva: Andrade.....	23
2.2.7. Cristóvão Borges.....	23
2.2.8. Jayme de Almeida.....	24
2.2.9. Celso Rodrigues	24
2.2.10. Hemerson Maria.....	25
2.2.11. Roger Machado Marques.....	25
3 JORNALISMO ESPORTIVO.....	27
3.1. O esporte como especialização do Jornalismo.....	27
3.2. O valor notícia no jornalismo esportivo.....	32
4 O JORNALISMO ESPORTIVO E SEU OLHAR SOBRE O RACISMO.....	37
4.1. Percurso metodológico.....	37
4.2. E o “Professor”, não pode ser negro? O caso dos treinadores.....	38
4.2.1. O caso Cristóvão Borges.....	43
4.2.2. O caso de Jayme de Oliveira.....	54
4.2.3 O caso de Celso Rodrigues.....	57

4.2.4. O caso Roger Machado.....	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	67

1 INTRODUÇÃO

Mesmo para os olhares menos atentos de quem acompanha o futebol, um fato pertinente chama atenção em dois sentidos: por que não temos treinadores negros e por que os poucos que temos não são lembrados pela imprensa esportiva? Com base nesses questionamentos, este estudo visa analisar a forma como esse racismo, institucionalmente velado, é onipresente no futebol brasileiro.

Desde a implantação do futebol no Brasil, levando em conta o período amador no final do século XIX até a segunda década do século XXI, técnicos negros sempre ficaram à margem do comando dos clubes brasileiros¹, sobretudo, da elite (clubes da 1ª Divisão do Campeonato Brasileiro). Esse processo de exclusão acompanha a trajetória dos futebolistas negros no país, considerando a partir da implementação do esporte bretão no Brasil (1894), até os dias atuais (2015). O retrato disso é que dos 20 clubes que disputam a 1ª divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol no ano de 2015, apenas dois treinadores são negros: Cristóvão Borges e Roger Machado.

Em meio a esse contexto surge uma inquietação sobre a forma como esses profissionais são retratados pelo jornalismo esportivo. Não raro, a cada troca de cargo entre os comandantes dos times da elite do futebol brasileiro, via de regra, os mais cotados para assumirem o cargo são os mesmos de sempre, com uma pequena variação entre os nomes. Já os treinadores negros, independente do seu currículo profissional, são renegados pelos clubes e ficam à margem da maioria de especulações que são corriqueiras, quando da troca de comando técnico.

Essa ausência onipresente no campo da cobertura jornalística esportiva reflete na falta de reconhecimento do potencial e da projeção profissional com aos técnicos negros. A partir desse ponto central, será realizado um estudo comparativo entre dois sites da internet (ESPN e Globo Esporte), ambos de grande audiência do público interessado em futebol, a fim de analisar suas notícias e a forma como são retratadas essas abordagens a esse racismo implícito e velado no jornalismo esportivo.

O período a ser analisado será entre janeiro de 2013 até Outubro de 2015. A metodologia a ser utilizada é análise de conteúdo de acordo com Bardin (2002) Entende-se que esta é a

¹ Para fins de comparação, entendam-se os 40 clubes que compõe a 1ª e a 2ª divisão do Campeonato Brasileiro, organizado pela CBF – Confederação Brasileira de Futebol, assim como os principais torneios estaduais do país que são organizados pelas Federações Locais.

melhor forma de apreciar o tema porque este estudo não se propõe fixar interpretação apenas sobre a produção formal de notícias relacionadas a técnicos profissionais de futebol, e sim dissecar (dentro do possível) os pontos de exiguidade de uma discussão fundamental para o jornalismo e o desporto, nesse caso em específico, o futebol.

Para melhor compreensão o presente estudo está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo trata-se do negro no futebol brasileiro, onde procuramos estabelecer uma espécie de linha do tempo, na qual perpassamos a exclusão desde a gênese desse esporte no Brasil, passando pela marginalização e a inserção através de ligas e, principalmente com a implantação do profissionalismo nos clubes. Utilizamos como base principal o clássico livro de Mario Filho – *O Negro no Futebol Brasileiro*, cuja importância é essencial para se falar do tema. Procuramos também, desenvolver um percurso de raciocínio e análise crítica às conclusões de como se deu processo de inserção do negro no esporte bretão.

Serão apresentados de forma sucinta os nomes de técnicos negros brasileiros que tiveram destaque ao longo de suas carreiras, e também os nomes mais recentes que tiveram oportunidades de dirigir os times pertencentes à elite do futebol nacional (Campeonato Brasileiro).

No capítulo seguinte versaremos sobre o Jornalismo Esportivo, como especialização do jornalismo, e seu tratamento acerca da questão. Procuramos utilizar pressupostos epistemológicos com base nos valores notícias, onde teremos como objetos de análise dois sites que tratam exclusivamente sobre esportes.

Em seguida, no terceiro capítulo, procuramos identificar os olhares do jornalismo (nesse caso, o esportivo) sobre as questões de discriminação racial, sobretudo na ausência desses profissionais no chamado “mercado de treinadores”. O recorte se faz com os profissionais negros que atuam como técnicos de futebol, visto que não há espaço suficiente para abordarmos todos os casos envolvendo racismo explícito no mundo do futebol.

Já no quarto capítulo será aprofundada a análise dos conteúdos noticiados pelos dois sites eleitos para a pesquisa. Essas análises visam identificar a forma como o jornalismo esportivo trata (e deixa de tratar) a questão racial ao anunciar a contratação dos treinadores de futebol. Nessa parte do estudo buscaremos tratar sobre esse fato, apresentando notícias dentro de um recorte temporal (2013 a 2015) e trazendo os desdobramentos referentes ao quanto o jornalismo esportivo peca, e insiste em não problematizar as questões raciais na sua agenda,

principalmente em um esporte tão popular e multiétnico, que ocupa a maior parte dos seus conteúdos produzidos para um público tão heterogêneo.

2 O NEGRO E O FUTEBOL BRASILEIRO

Antes de entrar em uma análise mais aprofundada sobre a importância e o protagonismo do negro no futebol brasileiro, é importante contextualizar historicamente como se deu esse processo, desde a sua inserção, exclusão, auge e contestação ao longo de quase 100 anos da prática do esporte no país. O Brasil, como bem sabemos, foi uma das últimas nações a aderir ao sistema de governo republicano, muito atrasado em relação aos países vizinhos do continente.

Com efeito, os primeiros anos da República ainda passavam pelo processo de ruptura com os costumes e a mentalidade colonial/monárquica que se espalhou ao longo de quase quatro séculos. Esse novo momento de tentar seguir os moldes de modernidade, civilidade europeus (ainda que com um atraso sistemático), a prática dos esportes ocuparam um papel fundamental na formação da sociedade brasileira (SEVCENKO, 1992).

O futebol assumiu um papel especial no projeto modernizador brasileiro, ao passo que o desporto bretão era praticado pelas elites locais em seus clubes e agremiações. Seus organizadores e praticantes prezavam pela diferenciação sociocultural. Os esportes contribuiriam também para a construção de distinções sociais, (ELIAS e DUNNING, 1992.), e dessa forma afirmando novos valores e sensibilidades culturais.

Com base nessa conjuntura, faremos uma breve periodização, destacando pontos essenciais que ajudarão a compreender um pouco sobre o tema a ser trabalhado nesse estudo. Partindo da análise do sociólogo Maurício Murad (1994), no que se refere a uma espécie de linha do tempo sobre a história do negro no futebol brasileiro, ilustramos abaixo datas indispensáveis para situar o melhor entendimento do que estamos tratando por aqui:

1894 a 1923 – pré-história, elitização, proibição de negros e pobres na prática do futebol.

1923 a 1933 – clandestinidade, fase inicial do ingresso de negros e pobres.

1933 a 1950 – revolução, democratização e popularização do futebol.

1950 a 1970 – consolidação, auge do futebol brasileiro e conquista do tricampeonato mundial pela Seleção Brasileira de Futebol.

1970 a 1990 – (Copa da Itália, última conjuntura estudada) declínio, retrocesso e “rebranqueamento” pela subtração de oportunidades a negros e pobres.

A considerar o período de sua gênese no Brasil, em 1894, o violento esporte bretão era uma prática quase que exclusiva das elites locais. Ao assumir sua posição social, o futebol já praticava sua primeira violência desde o seu primórdio – a exclusão racial e social – quando chegou a proibir que pobres e negros praticassem o esporte. Tal exclusão se deu em um contexto histórico-social onde a formação da República que recém-surgia, era composta por oligarquias elitistas.

O processo de transição entre o atraso colonial e, sobretudo, a mentalidade escravagista imperava nas constantes estruturais do Estado brasileiro quando ao alvorecer do novo sistema de governo. Toda essa conjuntura desfavorável às camadas sociais menos privilegiadas (maioria da população brasileira durante a Velha República) já delimitava o acesso de mulatos e afrodescendentes que tentavam praticar o novo esporte entre seus pares excluídos.

Paulatinamente a prática do futebol foi se popularizando no país, especialmente nas duas primeiras décadas do século XX. Era natural que enquanto houvesse segregação surgiriam conflitos entre os grupos sociais dominantes e seus antagonismos. Nesse momento surge a figura do “cartola”, personagens que pretendiam manter a qualquer custo as tradições elitistas (ainda com a mentalidade do século XIX). Em contrapartida ao conservadorismo, havia os grupos que pretendiam “modernizar” e profissionalizar o esporte com a inserção daqueles que eram preteridos desde a inserção da prática do futebol em solo brasileiro: os negros e pobres.

O marco inicial do profissionalismo no futebol brasileiro se deu em uma reunião no dia 24 de janeiro de 1933, quando os clubes elitistas passaram a aceitar em seus elencos, negros, mulatos e brancos pobres. Essa data e ocasião foram válidas para os clubes do Rio de Janeiro. Outros centros como São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul tiveram o processo de inclusão de forma gradativa, e anterior aos cariocas.

Antes, porém, é necessário ressaltar que para que a admissão de negros nos quadros de atletas e sócios dos clubes, a exclusão desses atletas foi de uma violência simbólica institucionalizada. Exemplo disso ocorreu no Campeonato Sul-americano de 1921, quando o então Presidente da República Epitácio Pessoa determinou a CDB (Confederação Brasileira de Desporto) que nenhum jogador negro fosse convocado. A alegação era de que esses atletas poderiam ser vítimas de preconceito racial por parte dos torcedores argentinos. E a ordem foi rigorosamente cumprida. Nenhum atleta negro no elenco, tampouco na delegação brasileira que foi para a competição disputada na Argentina.

A intervenção gerou protestos, especialmente pela ausência do mulato Arthur Friedenreich, considerado o maior jogador brasileiro da década de 1910². O escritor Lima Barreto³ também se mostrou indignado com a imposição do chefe de Estado. Porém, de nada adiantou.

De acordo com MURAD (1994) a interpretação sociológica do corpo como representação social, também foi fundamental como uma forma de resistência a segregação e lhes era imposta. Os jogadores negros combateram o sectarismo com suas habilidades técnicas e disciplina na prática do jogo, o que ocasionou um estilo que até hoje rotula esteticamente (e de forma positiva) o futebol brasileiro como um futebol arte.

Indubitavelmente foi o jogador negro que imprimiu no futebol brasileiro um estilo próprio de magia e arte, diferente das formas arcaicas do jogo de bola, bem como de sua descendência inglesa imediata. Fausto, Leônidas, Domingos (Da Guia), Waldemar desenharam este instante inaugural, cujo destaque pictórico é a “bicicleta”, invenção radical de Leônidas da Silva. Entretanto, o negro não exigiu o título de propriedade, nem requereu certificado de direito autoral deste futebol-arte. Nisto nem se pensou e nem poderia se pensar. Séculos de escravidão, contexto discriminatório pós-alforria, ideologia da democracia racial e a própria liberdade de criação e assimilação, intrínsecas à dinâmica do jogo, mais do que em qualquer outra manifestação artística, interditaram historicamente as possibilidades de tais reivindicações de autoria e posse. O estilo negro foi socializado, e inúmeros e geniais jogadores brancos foram fundamentais para sua ampliação, divulgação e consolidação (MURAD, 1994. p.75).

Devido à centralização do poder político-econômico nacional no eixo Rio de Janeiro - São Paulo é natural que os estudos e pesquisas acerca da pré-história do futebol brasileiro tenham um maior número de enfoques. Contudo, não só nesses dois centros versam os primórdios do futebol em terras brasileiras.

Nos estados da Bahia e Rio Grande do Sul, a exemplo de outras unidades federativas, também tiveram processos semelhantes, para não dizer iguais, quanto ao processo de exclusão e segregação racial e social de atletas em suas agremiações. Entre 1905 e 1912 a Liga Baiana de Desportos Terrestres, também conhecida como “Liga dos Brancos”, tinha um caráter

² De acordo com o historiador e autor da biografia “*O Tigre do Futebol*” (1999), Alexandre da Costa, Arthur Friedenreich é considerado o primeiro ídolo do futebol brasileiro, onde atuou desde 1909 (período amador) até 1935 (já no profissionalismo). Marcou 568 gols em 580 jogos, uma média de 0,98 – superior à de Pelé.

³ Lima Barreto demonstrava abertamente seu descontentamento com o esporte bretão no país. O escritor não deixava de ter razão no que confere ao caráter branco, elitista e segregador do futebol. “A providência, conquanto perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante, quase a metade, da população do Brasil; deve naturalmente causar desgosto, mágoa e revolta; mas – o que se há de fazer? O papel do *football*, repito, é causar dissensões no seio da nossa vida nacional. É a sua alta função social.”

excludente, uma vez que era proibida a participação dos negros. Logo no estado com maior percentual de população negra do Brasil.

Com essa segregação, logo surgiu a organização alternativa à LBDT, a Liga Brasileira, que ficou conhecida pejorativamente como “**Liga dos Pretinhos**”, que perdurou de 1912 até 1919. Entidade que prezava pela integração étnica e social formando uma cultura futebolística “popular”.

Já no Rio Grande do Sul, A Liga Nacional de Foot-ball Porto-Alegrense, que ficou conhecida como **Liga dos Canelas Pretas**⁴ foi fundada em Porto Alegre no final dos anos de 1910, para congregar times de futebol formados, na sua maioria, por jogadores negros. O movimento deu força para que se estabelecessem ligas de futebol para congregar os times de maioria negra também nas cidades de Rio Grande e Pelotas, respectivamente, as ligas Rio Branco e José do Patrocínio, nas décadas de 1910 e 1920.

Não muito diferente de outros grandes centros urbanos do país, a segregação racial no futebol gaúcho ainda teve um componente mais complexo: a construção da identidade gaúcha. Segundo o Professor de Antropologia da UFRGS, Arlei Sander Damo a exaltação da figura do gaúcho da Campanha, como tipo representativo do Rio Grande do Sul, exclui a maior parte dos grupos sociais residentes no estado, sejam eles descendentes de italianos, alemães, negros, índios, entre outros na construção da identidade regional (DAMO Apud OLIVEN, 2002, p 93).

2.1. O clássico livro de Mario Filho

A obra *O Negro no Futebol Brasileiro*⁵ escrita pelo jornalista Mario Filho aborda um contexto específico do futebol brasileiro, mais exatamente entre as décadas de 1930 e 1950. Com base nesse período histórico, o autor aponta para uma tese central onde o futebol seria o meio no qual o negro e o mulato poderiam ascender socialmente. Nesse sentido, o jornalista desenvolve uma historicidade do futebol brasileiro partindo de um início elitista e branco para

⁴ A Liga surgiu em decorrência da atitude segregacionista da Liga Metropolitana (de times “brancos”) que rejeitou a filiação do Rio-Grandense (time de negros) ao seu quadro de associados. A Liga dos Canelas Pretas foi chamada assim, de forma pejorativa, porque era a associação que aceitava os atletas vetados de atuar nas equipes dos “brancos”. Seu auge foi vivenciado na década de 1920, quando reuniu nove times. Entre 1930 e 1933 a liga foi suplantada pelo profissionalismo que começava abarcar atletas de várias etnias e classes sócias, a exemplo do que ocorria em outros centros do futebol.

⁵ RODRIGUES, Mario Filho. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro, Ed. Pongetti: 1947.

alcançar ao final a democratização racial. No entanto, a miscigenação, harmonia social, identidade coletiva não aparecem no livro de Mario Filho, e sim, em outra obra cãnone: *Casa Grande e Senzala*, do antropólogo pernambucano Gilberto Freyre.

Freyre foi contemporâneo de Filho, e é considerado como um intérprete do Brasil, sobretudo, pela construção do conceito de *democracia racial*, visto que em sua leitura sobre o país, afirmava categoricamente o caráter positivo da mestiçagem na formação da nacionalidade brasileira. E para a compreensão de *O Negro no Futebol Brasileiro*, *Casa Grande e Senzala* surge como um alicerce da tese de Mario Filho, pois embasa a argumentação do jornalista às luzes da historicidade do Brasil, levando em conta seu contexto de sociedade elitista e racista.

O fato de pensar a brasilidade como uma identidade a partir do aspecto da miscigenação (o branco, o mulato e o negro), especialmente no fato dos jogadores negros brasileiros se apropriarem dos complexos culturais europeus, nesse caso, o futebol, e emanarem essa prática como um vetor oriundo da cultura brasileira, é uma forma de inserir o negro em uma sociedade harmônica, cuja possibilidade de ascensão se dá através do futebol.

Através de amplas pesquisas realizadas jornais da época e documentos oficiais de associações desportivas, o clássico de Mario Filho teve como principal fonte as entrevistas realizadas com os atores sociais envolvidos diretamente na prática do esporte, como jogadores, dirigentes, sócios e torcedores. Com esse aparato de fontes, o livro configura como se deu a inserção do negro nos clubes de futebol profissional do Rio de Janeiro (décadas de 1920 a 1940) retratando a forma com que eram recebidos e rechaçados, assim como foram eleitos os vilões da histórica derrota da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950.

No prefácio da edição de 2003 de *O Negro no Futebol Brasileiro*, o cientista político Luis Fernandes⁶ sintetiza o processo de inserção e popularização do futebol no Brasil, a partir da entrada do negro.

Para além das paixões clubistas, a democratização da prática do futebol, materializada na ascensão de jogadores negros e mestiços, permitiu que esse esporte viesse ocupar uma posição central na construção da identidade nacional. Em oposição ao racismo aberto das velhas oligarquias, o novo discurso oficial passou a valorizar a mestiçagem, associando-a aos sucessos de uma 'escola brasileira de futebol' que expressaria nossa singular maneira de ser no mundo (FERNANDES, 2003, p.13).

⁶ Professor no Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio e no Departamento de Ciência Política da UFF.

Dentro de uma estrutura elitista que dominou esse esporte nos seus primórdios, um dos marcos de ruptura se deu a partir da aceitação paulatina de jogadores negros nos grandes clubes do Rio de Janeiro, então capital federal do país. O Clube de Regatas Vasco da Gama triunfou no campeonato estadual de 1923, assim como o São Cristóvão em 1926, e o Bangu Atlético Clube no ano de 1933.

Os três clubes eram de origem popular, já que suas sedes se localizam até hoje em bairros periféricos da capital fluminense (e na época também federal), e contavam com um número considerável de jogadores mulatos de origem humilde e negros. E segundo a narrativa de Mario Filho, foi uma “verdadeira revolução” no futebol brasileiro, já que o fato desses times terem sido pioneiros a contar com o talento dos atletas negros para conquistar os títulos dos torneios locais, foi o passo fundamental para o início dessa democratização, ainda que com forte resistência até chegada desses atletas à Seleção Brasileira.

Ao final do seu livro em 1947, Mario Filho declarava, equivocadamente, em caráter determinista o fim do racismo no futebol: “Porque em *football* não havia mais nem o mais leve vislumbre de racismo. Todos os clubes com os seus mulatos e os seus pretos.” E embebido de um otimismo cândido reafirmava de maneira sistemática a harmonia social brasileira:

E quem está na geral, na arquibancada, pertence à mesma multidão. A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico. O rico paga mais, compra uma cadeira numerada, não precisa amanhecer no estádio, vai mais tarde, fica na sombra, não apanha sol na cabeça, mas não pode torcer mais do que o pobre, nem ser mais feliz na vitória, nem mais desgraçado na derrota. (RODRIGUES FILHO, 1947, p. 293.)

Importante lembrar que o livro de Mario Filho teve duas edições. A primeira, publicada em 1947 versava sobre as origens do futebol brasileiro (1894) até a publicação do livro. Dividido em quatro partes: “Raízes do saudosismo”, “O campo e a pelada”, “A revolta do preto” e “A ascensão social do negro”. Na edição lançada em 1964 foram acrescentados dois capítulos que abordavam a década de 1950 e 1960, nominadas como: “A provação do preto” e “A vez do preto”.

Em ambas as edições, o autor mistifica a figura de jogadores negros como heróis do futebol brasileiro. Sendo Leônidas da Silva e Domingos da Guia (na edição de 1947) e Pelé, como Rei do Futebol, na publicação de 1964. *O Negro no Futebol Brasileiro* versa, antes de tudo, sobre três pilares para a compreensão do processo de popularização do esporte bretão em

nosso país: futebol, identidade nacional e racismo. É, sem dúvida alguma, até agora, a principal referência de pesquisa e estudos para o assunto. Contudo, passados mais de 60 anos da sua publicação, e à luz da história atual, suas leituras e interpretações ganharam análises mais esmiuçadas, e um tom ainda mais crítico sobre os conceitos de democracia racial e inclusão.

2.2. Os treinadores Negros

Perpassando um pouco, até aqui, de como se deu a exclusão e a lenta inclusão dos atletas negros como atores no cenário do futebol nacional, não seria diferente que para ocupar um cargo de comando, como é o de técnico de futebol, o processo de inserção fosse tão fácil. Foi, e ainda é muito difícil. A seguir, apresentaremos alguns dos principais profissionais que lograram relativos sucessos, ou melhor, tiveram mais oportunidades para desempenhar seu trabalho⁷. Destacaremos os profissionais que dirigiram os chamados clubes grandes do futebol brasileiro, bem como os mais recentes que passaram por equipes que disputaram/disputam o principal campeonato disputado no país, por meio de uma ordem cronológica, a fim de melhor situar a leitura e compreensão do que nos propomos a dissertar por aqui.

2.2.1. Gentil Cardoso

Gentil Iniciou sua carreira como treinador de futebol no Rio de Janeiro na final da década de 1940. Comandou os maiores clubes do futebol carioca durante mais de uma década, onde conquistou títulos e foi o responsável pela contratação de um dos maiores jogadores de futebol da história, o lendário Mané Garrincha pelo o Botafogo de Futebol e Regatas. O técnico também esteve à frente do comando técnico do Sport Club Corinthians Paulista e Associação Atlética Ponte Preta (Campinas).

O pernambucano Gentil Alves Cardoso foi o primeiro e, até agora, único negro a treinar Seleção Brasileira. Comandou o time nacional por 5 jogos, 4 oficiais pelo Campeonato Sul-americano de 1959, com duas vitórias (3x2 contra o Paraguai e 3x1 contra o Equador), e duas derrotas (0x3 para o Uruguai e 1x4 contra a Argentina), e um amistoso (vitória contra o Equador

⁷ Importante referenciar que os nomes aqui selecionados não foram escolhidos por questão de competência ou potencial, e sim por terem obtido certo êxito na carreira, ou oportunidade nos clubes da 1ª divisão.

(2x1). Ao contrário de outros treinadores, nunca foi convidado para dirigir a seleção brasileira, segundo ele por racismo. Essa foi uma de suas grandes frustrações.

[...] Nunca dirigi uma seleção brasileira. Por que não era bom técnico? Ou porque... Numa certa época, no Rio de Janeiro, entre três técnicos em evidência, eu era o único que preenchia os requisitos legais, além dos campeonatos conquistados. Terminei sendo preterido. Por dois calouros na profissão. Tudo por causa da cor. Nada mais⁸.

Gentil acumulou conquistas com no comando dos três grandes clubes de seu estado natal, Náutico, Santa Cruz e Sport. No Rio de Janeiro, onde treinou quase todas as grandes equipes da capital carioca, Gentil foi campeão carioca em 1946, pelo Fluminense, e em 1952, pelo Vasco da Gama.

2.2.2. Didi – O gênio da Folha Seca

Nascido em Campo dos Goytacazes, em 1928, Valdir Pereira triunfou no mundo do futebol sob a alcunha de Didi – ou o Folha Seca⁹. O craque foi ídolo do Fluminense, Botafogo, Real Madrid e Seleção Brasileira onde foi bicampeão mundial nas Copas de 1958, na Suécia, e 1982, no Chile. Sua primeira experiência como técnico ocorreu ainda na condição de jogador, quando atuava pelo Sporting Cristal (Peru) em 1962, e acumulou as duas funções.

Vice-campeão nacional em 1962 e 1963 voltou ao Brasil para encerrar a carreira de jogador. Ganhou seu primeiro título como técnico pela equipe peruana, na qual foi jogador, e ídolo, em 1968. A conquista local, só aumentou a idolatria. O brasileiro foi convidado para treinar a Seleção Peruana em 1969, ano em que o Peru surpreendeu o continente ao derrotar a Argentina nas eliminatórias para a Copa do Mundo e classificando os peruanos para a Copa do Mundo de 1970, no México.

No Mundial, os peruanos fizeram a melhor campanha de sua história, chegando até as quartas de final, sendo eliminados pela Seleção Brasileira, que viria a ser campeã. E Didi virou

⁸ Gentil Cardoso. Disponível em:

<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=840%3Agentil-cardoso&catid=42%3Aletra-g&Itemid=1>. Acesso em: 26/09/2015.

⁹ Famosa e inédita técnica de chute de bola que surpreendia criado por Didi quando jogava pelo Fluminense. Um chute que tinha muito de arte e ciência. Era preciso sentir a força do vento, a posição e estatura do goleiro. Seu comportamento, enfim. E a curva na bola tinha de ser dada com perfeição. O resto era magia – conta Pêris Ribeiro, autor do da biografia do craque: “Didi: o gênio da folha-seca”, lançado pela editora Gryphus.

ídolo nacional, condição que sustenta até hoje. O técnico também comandou times de grande expressão como o River Plate (Argentina), Fenerbahçe (Turquia), Cruzeiro, Fluminense e Botafogo. Embora não se possa comprovar de fato, há quem diga até hoje que, se não fosse negro, Didi teria dirigido a seleção brasileira logo após a Copa do Mundo de 1974.

A escassez de profissionais afrodescendentes no comando de grandes clubes no Brasil foi (na realidade ainda é) tão grande que são fáceis de recordar os nomes que tiveram alguma oportunidade de trabalho nos clubes da elite do futebol nacional.

2.2.3. Valmir Louruz

Um dos técnicos negros com maior sucesso na carreira, o ex-futebolista Valmir Louruz (falecido em abril de 2015), conquistou títulos na carreira de treinador, incluindo o mais importante deles, a Copa do Brasil de 1999, pelo Juventude de Caxias do Sul. Louruz também teve passagem vencedora pelo futebol internacional, onde classificou a Seleção do Kuwait¹⁰ para os Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992.

Outro fato marcante na carreira do técnico foi a conquista da 3ª colocação no Campeonato Brasileiro de 1985, quando comandou o Brasil de Pelotas (RS) eliminando o forte time do Flamengo de Zico e companhia, em pelo estádio do Maracanã. E após a histórica conquista da Copa do Brasil de 1999 contra o Botafogo, mais uma vez calando o estádio Mario Filho, Louruz foi convidado a assumir o Internacional, onde ficou poucos meses no comando, na fraca campanha do time colorado no Brasileirão do mesmo ano. Foi demitido e substituído por Emerson Leão, que salvou o time gaúcho de ser rebaixado para a segunda divisão.

¹⁰ Em um Seminário sobre Racismo no Futebol ocorrido na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO) da UFRGS, ocorrido em abril de 2014, ao relembrar suas experiências de técnico no exterior, Louruz confidenciou um fato pitoresco na carreira. Mesmo classificando a seleção do Kuwait para as Olimpíadas de Barcelona em 1992, ficou “retido” no Oriente Médio devido à invasão Iraquiana no país. Só foi liberado graças ao trabalho da diplomacia brasileira na época, quando foi “trocado” por um prisioneiro local durante a Guerra do Golfo. No mesmo seminário, indagado sobre o fato de ter sido discriminado no futebol por ser negro, Valmir Louruz afirmou nunca ter sofrido nenhum tipo de injúria racial onde trabalhou, embora não conseguisse entender o porque poucos profissionais afrodescendentes têm espaço na profissão.

2.2.4. Sergio Bernardino: Serginho Chulapa

Ex-atacante e maior artilheiro da história do São Paulo Futebol Clube, também com passagens por Corinthians, Santos (onde é considerado ídolo) e Seleção Brasileira, onde jogou a Copa do Mundo de 1982 (disputada na Espanha), Chulapa foi um atacante oportunista e de forte temperamento. Foi suspenso por um ano após agredir um bandeirinha (árbitro auxiliar) e ficou fora da Copa de 1978 (Argentina).

O Santos Futebol Clube foi a equipe onde Serginho teve mais oportunidades como treinador. Na maioria delas, na condição de interino, ou de auxiliar-técnico. Como comandante efetivo, apenas na Portuguesa Santista, São Caetano e Sãocarlense (todos no estado de São Paulo), mas nenhuma passagem com sucesso. O técnico alega que não obteve êxito na carreira devido a problemas extracampo, sobretudo, por seu temperamento explosivo na relação com atletas, dirigentes e imprensa.

Na mesma reportagem da Revista Placar, citada anteriormente, e desdobrada nos capítulos a seguir, Serginho Chulapa firma que não existe preconceito, mas sim uma preguiça do negro. “O convite não vai chegar em casa. Não adianta fazer movimento. A classe [dos técnicos] é desunida”, afirmou ao ser indagado se já teve problemas com discriminação racial.

2.2.5. Luiz Carlos Bezerra Pereira: Lula Pereira

Ex-zagueiro que fez carreira em clubes como Santa Cruz, Sport Recife e Ceará, Lula Pereira, de 59 anos (1956), é um dos casos mais emblemáticos de preconceito racial contra técnicos negros no futebol brasileiro. O ex-atleta acumula no currículo experiência comando de mais de 17 clubes, entre eles o Clube de Regatas do Flamengo, um dos mais populares do Brasil. Antes mesmo de se destacar na profissão de técnico de futebol profissional, Lula fez estágios em grandes clubes da Europa, como Ajax (Holanda), e os gigantes Milan (Itália) e Barcelona (Espanha).

Mesmo com diversos títulos conquistados na carreira de treinador, Lula foi jogado a um verdadeiro ostracismo profissional. Raramente é lembrado para assumir um cargo em clubes de grande e médio porte no cenário nacional, muito menos tem espaço na imprensa esportiva para debates esportivos que povoam as grades de programação de emissoras de rádio e TV.

Uma de suas últimas manifestações públicas que tiveram espaço no meio jornalístico esportivo foi justamente em uma reportagem sobre a exclusão de técnicos negros nos clubes brasileiros. A reportagem foi publicada na Revista Placar, em março de 2013 e será tratada no capítulo 5 deste trabalho.

2.2.6. Jorge Luis Andrade da Silva: Andrade

Luis Andrade é ex-jogador, e ídolo, do Clube de Regatas do Flamengo (1977-1988), também jogou na Roma da Itália e no Clube de Regatas Vasco da Gama. Sua primeira passagem como treinador do Flamengo foi entre 2004 e 2005. Voltou em agosto de 2009 na condição de técnico interino, e comandou a equipe carioca na conquista do Campeonato Brasileiro daquele ano. Foi campeão brasileiro com 73% de aproveitamento e eleito o melhor treinador da competição pela CBF. Em abril de 2010 foi demitido pela cúpula diretiva do clube.

2.2.7. Cristóvão Borges

Assim como a maioria dos técnicos negros, o baiano Cristóvão Borges dos Santos também é ex-jogador de futebol. Com passagem por diversos clubes nacionais, inclusive pela Seleção Brasileira, onde foi campeão da Copa América de 1989, o ex-volante do Bahia, clube onde despontou para o futebol, fez carreira de 1977 até 1994, quando decidiu pendurar as chuteiras.

Já em 1998 iniciou sua trajetória como auxiliar-técnico de Alfredo Sampaio, na comissão técnica do Bangu (RJ). No ano seguinte, Cristóvão seguiu como auxiliar do ex-zagueiro do Fluminense e também da Seleção Brasileira, Ricardo Gomes. Parceria que deu projeção a carreira de Borges.

Devido a um problema de saúde sofrido pelo então técnico do Vasco da Gama, Ricardo Gomes, Cristóvão Borges, que era o auxiliar técnico de Gomes, assumiu o comando do time cruzmaltino. Foi vice-campeão brasileiro em 2011 e fez boa campanha na Copa Libertadores da América de 2012, onde o Vasco foi eliminado pelo Corinthians (que viria a ser o campeão do torneio continental), nas quartas de final. Foi demitido em setembro de 2012.

Treinou o Bahia de maio a dezembro de 2013, onde ajudou a salvar a equipe baiana do rebaixamento no Campeonato Brasileiro. Em abril de 2014 foi contratado pelo Fluminense e demitido em março de 2015. No final de maio do mesmo ano foi anunciado como novo treinador do Flamengo, mas o trabalho não durou muito, além disso, havia uma forte rejeição da torcida rubro-negra, e Cristóvão foi demitido em 20 de agosto de 2015. O episódio da saída do treinador será abordado nos capítulos seguintes desse estudo, visto que as notícias referentes ao caso são o objeto principal a que nos propomos a versar nesse. Em outubro do mesmo ano, o profissional foi contratado para dirigir o Clube Atlético Paranaense. Porém, o tempo de contrato não foi informado à imprensa, devido à política de comunicação interna do clube.

2.2.8. Jayme de Almeida

Jayme de Almeida Filho, também é ex-jogador do Flamengo. Trabalhou como Auxiliar Técnico do clube carioca entre 2010 e 2013, quando assumiu o comando interino da equipe e levou o Flamengo à conquista da Copa do Brasil daquele ano. Comandou o time no ano seguinte conquistando mais um título, o de campeão estadual em cima do maior arquirrival, Vasco da Gama. Foi demitido em maio de 2014 (ficou sabendo por meio de uma ligação da ESPN Brasil em um programa de debates ao vivo). Sondado por outros clubes, logo após sua saída do rubro-negro, Jayme preferiu esperar por melhores propostas de trabalho. Em 2015 foi novamente readmitido no cargo de Auxiliar Técnico do Flamengo, no qual foi muito bem recebido por jogadores e funcionários do clube.

2.2.9. Celso Rodrigues

Ex-jogador da Chapecoense no ano 2000, após pendurar as chuteiras, Celso chegou ao clube catarinense em 2011 na condição de auxiliar técnico de Mauro Ovelha. Voltou em 2013 quando o time disputava a Série B do Brasileirão. Em 2014 assumiu como técnico interino em duas oportunidades na mesma temporada. Voltou à condição de auxiliar por dois meses, quando da contratação de Jorginho. Na sua segunda oportunidade a frente da casamata da Chape, Celso assumiu o time na última colocação do campeonato e conseguiu livrar o time do rebaixamento, logo na primeira vez em que o clube disputava a competição. Após a contratação de Vinícius

Eutrópio, Rodrigues segue compondo a comissão técnica da Chapecoense, novamente na condição de auxiliar técnico.

2.2.10. Hemerson Maria

Após 27 anos de ausência na elite do futebol brasileiro o Joinville retornou à Série A sob a batuta de Hemerson Maria. Também ex-jogador de futebol, o catarinense havia treinado o Avaí em duas oportunidades, e outras equipes do estado. O técnico iniciou na carreira comandando os times das categorias de base do Guarani de Palhoça e do Figueirense, onde trabalhou por dez anos. Após 87 jogos e um começo ruim no Campeonato Brasileiro de 2015, Hemerson Maria foi demitido do JEC em junho. Atualmente (novembro de 2015) segue sem clube.

2.2.11. Roger Machado Marques

Conhecido popularmente como Roger, o ex-atleta do Grêmio de Foot-Ball Porto-Alegrense (1994-2003), Vissel Kobe do Japão (2004-2005) e do Fluminense Football Club (2006-2008) teve uma carreira brilhante como lateral-esquerdo onde conquistou títulos importantes por onde passou. A exemplo dos outros treinadores, Roger iniciou sua trajetória como auxiliar técnico do time principal do Grêmio então treinado por Renato Portaluppi, em 2011. E já nos primeiros meses na função, o jovem ex-jogador teve a chance de comandar o tricolor em duas oportunidades, e logo contra o maior rival – o Internacional – onde saiu vencedor em duas oportunidades.

Mas foi só em 2014, no Juventude, de Caxias do Sul (RS), que Roger teve a primeira oportunidade como técnico efetivo. Foi contratado pelo clube da Serra para a disputa do Campeonato Gaúcho e da Série C do Campeonato Brasileiro daquele ano. Porém, aos resultados não vieram e tampouco a paciência da direção do time caxiense para que ele seguisse o trabalho. No ano de 2015 assumiu o Novo Hamburgo (RS) para a disputa do campeonato estadual e dirigiu a equipe do Vale dos Sinos por seis jogos.

Com um estilo tranquilo e sereno, o jovem comandante surpreendeu dirigentes, torcida e imprensa ao conquistar bons resultados e boas atuações da esquadra tricolor. Demonstrando

muito estudo e conhecimento tático do futebol moderno, mesmo em pouco tempo de trabalho, Roger vem a cada dia conquistando o respeito e o reconhecimento de seu trabalho como técnico de futebol profissional por torcedores e jornalistas esportivos. Recentemente (19 de novembro de 2015) foi anunciada a renovação do treinador até o final de 2017.

3 JORNALISMO ESPORTIVO

3.1. O esporte como especialização do Jornalismo

A julgar como um gênero jornalístico, a parte da editoria que tratava das informações e coberturas de eventos desportivos surge nos primórdios do século XX. Bem antes da popularização do futebol mundo afora, outras práticas esportivas mais tradicionais, como remo, hipismo e atletismo já ganhavam destaque nas páginas dos jornais da época. De fato, a maioria desses esportes vem de uma tradição britânica, muito em conta do imperialismo que sempre pautou a política externa colonialista da Grã-Bretanha.

Referência nos estudos sobre o jornalismo esportivo e suas imbricações, Alcoba ilustra o surgimento do que podemos qualificar como imprensa esportiva, a partir da cobertura dos Jogos Olímpicos.

En el siglo XIX se fortalece la estructura del incipiente deporte moderno que va a consolidarse en los comienzos del siglo XX, para, con la restauración de los Juegos Olímpicos, iniciar el despegue que condujo a la necesidad de dar cabida en los periódicos a las primeras crónicas deportivas y pasar, con la revolución tecnológica, a ocupar espacios en los medios audiovisuales. (ALCOBA, LÓPEZ, 2011, p. 74).

Ingressando no cenário que será estudado por aqui, no Brasil, às luzes dos primeiros anos século XX, o jornalismo que tratava do desporto ainda engatinhava a curtos passos no Brasil. Só conquistaria mais espaço na cobertura de eventos esportivos quando atrelado ao processo de modernização (a partir da década de 30) ao qual o país estava se emergindo, onde o contexto político-econômico da época proporcionou a afirmação, ainda que gradual, dessa espécie paralela e autônoma de gênero jornalístico.

Considerando as publicações de periódicos desportivos como a *Revista Sportiva* (1908), *Vida Sportiva* (1917) e *Diário Desportivo* (1919), dentre outros menos destacados, somente a partir dos anos 1930 que o jornalismo esportivo começou efetivamente a ganhar espaço. Era natural que o jornalismo seguisse na esteira dessa conjuntura de desenvolvimento nacional, e especialmente porque o cenário político, centralizador e nacionalista, remetiam à massificação e o acompanhamento dos espetáculos esportivos, muito devido à difusão das transmissões radiofônicas que alcançavam boa parte do imenso território brasileiro.

Em 1931, surgiu aquele que foi um dos periódicos pioneiros a tratar exclusivamente de esportes – *Mundo Sportivo* – fundado por Mario Filho, com a permissão de Roberto Marinho (1904-2003), patriarca do jornal O Globo, que alugou a gráfica de seu jornal para a impressão da publicação de Mario Filho. No entanto, por falta de verbas, e por ter sido criado no final da temporada futebolística do Rio de Janeiro, o projeto durou não mais do que oito meses, e deixou como principal legado a criação do concurso de escolas de samba como forma de manter o jornal (SOUZA Apud CASTRO, 2008, p 176).

A partir do ano seguinte, com sua volta às páginas do jornal *O Globo*, Mario Filho demonstrava ser um visionário. Sua contribuição para a profissionalização do futebol carioca foi efetiva. O jornalista se empenhou em promover o campeonato local, que mesmo com poucas agremiações profissionais disputando o certame, passou a promover o clássico Fla-Flu nas páginas de O Globo.

Como ele recriou o Fla-Flu! Ora, o Fla-Flu sem esta abreviação, existia desde de 1912, ou 11. Até que Mario Filho resolveu promover o velho clássico, tão velho que era anterior a Batalha do Marne, anterior ao fuzilamento de Mata-Hari. Preliminarmente mudou o nome do clássico para Fla-Flu. Em seguida montou todo um folclore fascinante sobre o jogo super conhecido e desgastado. Eram os mesmo clubes, os mesmo jogadores. E, de repente, o Fla-Flu extroverteu todo o patético, todo o sortilégio que trazia no ventre. Senhoras quem não sabiam nem se a bola era redonda ou quadrada, compareceram ao jogo, magnetizadas pelo mito (RODRIGUES, 1994, p.10).

Mas não só de futebol vivia a editoria de esportes do jornal de Roberto Marinho. Outras modalidades menos populares também tinham seu destaque, e eram tratadas da mesma forma, por Mario Filho. Basquete, remo, atletismo, ou até mesmo alguma prova automobilística no “Circuito da Gávea” eram promovidos, (SOUZA Apud CASTRO, 2008, p 177).

Também no Rio de Janeiro em 1931, o *Jornal dos Sports* surgiu como o primeiro diário exclusivo de esportes do Brasil¹¹. Conhecido popularmente como *Cor-de-Rosa*, o jornal construiu uma hegemonia que se estendeu ao longo de cinco décadas. Nos anos 1990 perdeu o espaço entre as diversas publicações com quem concorria. Já em 2007 chegou ao seu fim. Cinco anos depois, em 1936, Mario Filho recebeu a proposta para comprar o periódico, então concebido por Argemiro Bulcão e Ozéas Mota, que na época tinha apenas quatro páginas, todas na cor branca.

¹¹ Hollanda, 2012, p81.

Quando Mario assumiu a direção, o jornal chegava às bancas com as páginas na cor rosa, algo inédito na imprensa escrita brasileira¹². Sabedor do potencial do cronista, Roberto Marinho voltaria a convidar Mario Filho para outro, e ousado, projeto: *O Globo Sportivo*. A publicação foi lançada em 1938, no formato de jornal, com capa e quatro cores, e com periodicidade semanal.

À frente de dois periódicos esportivos, além das páginas esportivas da edição diária de *O Globo*, Mario Filho se consolidava na condição de maior cronista esportivo de sua época. E tal status se deu pelo fato de que suas crônicas possuíam narrativas muito mais próximas da literatura e da poesia. Dessa forma romantizando um esporte praticado por homens, onde a imposição da força física se atrelava à técnica de seus praticantes.

Logo, a escrita mais técnica do jornalismo dava lugar a textos mais literários que, por muitas vezes descreviam e retratavam o esporte bretão de forma epopeica, conquistando assim um grande número de leitores e interessados pelo futebol. E seguindo o mesmo estilo literário do irmão Mario, Nelson Rodrigues também se consolidou como um cronista central nas páginas dos cadernos de esportes dos jornais cariocas. Ocupando a condição de principal referência na crônica esportiva, Mario também desempenhou importante papel na difusão dos eventos esportivos no Brasil, atuando, sobretudo, como o grande nome do jornalismo esportivo brasileiro de sua época.

A década de 30 assistiu a emergência dos periódicos desportivos que viriam a ter uma vida duradoura, assim como um alcance nacional. Não há como negar que o fato de a cidade do Rio de Janeiro que também ocupava a condição de capital federal da República, e a centralização em torno do poder político e econômico do país, era natural que a agitação cultural e os eventos esportivos girassem em torno da metrópole carioca. Como não poderia deixar de ficar fora desse circuito, São Paulo também teve seu diário esportivo – *A Gazeta Esportiva*, lançado em 1928 e dirigido por Casper Líbero (1889-1943). A publicação foi lançada como um suplemento do vespertino *A Gazeta*. Já no ano de 1947, o diário começou a circular de forma autônoma e tinha como destaque o cronista Thomaz Mazzoni¹³ (HOLLANDA, 2012).

¹² A primeira edição do *Jornal dos Sports* que indicava Mario Filho como Editor-Chefe foi publicada em 17 de outubro de 1936.

¹³ Sobre este importante cronista esportivo ítalo paulistano, ver a monografia de graduação de Rafael Silva (PUC-Rio), orientada por Leonardo Affonso de Miranda Pereira, e intitulada: “O esporte a serviço da pátria: Thomaz Mazzoni e os primórdios do jornalismo esportivo (1928-1941).

De fato, o jornal impresso e o rádio eram os meios mais populares de comunicação. Mas com o passar dos anos foram surgindo revistas com temáticas esportivas. Mais uma vez, Mario Filho encabeçava um novo projeto no campo de notícias do esporte: a revista *Manchete Esportiva*. Desde sua prática efetiva (considerando a cobertura de outros esportes como o remo e o hipismo, desde os primórdios do século XX) o jornalismo esportivo seguia à margem das outras editorias dos meios de comunicação da época: jornal impresso, e o rádio (a partir da década de 1920). Prova disso, é que mesmo na metade do século XX, alguns jornalistas acreditavam piamente que o esporte não lograria espaço entre as principais manchetes dos jornais.

Conforme COELHO (2003), mesmo para profissionais experientes e reconhecidos no meio da crônica esportiva do país, a dúvida era permanente sobre a consolidação do jornalismo esportivo, enquanto um braço efetivo do campo jornalístico, e foi assim quando do surgimento da Revista Placar, que circula até os dias atuais nos formatos impresso e digital.

João Saldanha fez uma previsão no final dos anos 60, quando um aventureiro resolveu lançar, não um caderno, mas uma revista inteiramente dedicada ao futebol. *Placar* nunca sairia dos primeiros números, imaginava Saldanha, que prestou inestimáveis serviços ao esporte brasileiro. (COELHO, 2003, p8).

E embora o esporte, especialmente o futebol, paulatinamente fosse ganhando destaque nos meios de comunicação de massa, as empresas jornalísticas do país ainda não viam as editorias esportivas com a devida atenção que merecia. Retrato disso é que não havia o incentivo, tampouco o investimento na qualificação e especialização dos profissionais que atuavam nessa área. Muitos dos atuavam nesse ramo eram ex-atletas de suas respectivas modalidades (prática comum até os dias atuais, principalmente nas transmissões e coberturas televisivas).

O desporto ainda não havia se estabelecido entre as editorias mais importantes e lidas dos jornais. Contudo, seu conteúdo e abordagem passaram a gerar maior interesse do público, que por consequência, ocasionaram em mudanças significativas nas coberturas esportivas. Em conformidade com Antônio Alcoba (2005), um dos teóricos mais relevantes na pesquisa sobre o jornalismo esportivo, essa mudança de mentalidade empresarial pelos veículos de comunicação ocorreu em uma esfera global.

Conocida la importancia del deporte en todos los ámbitos de la sociedad y el atractivo que tiene entre la población mundial, la prensa decidió incorporar a sus páginas la actividad deportiva, por ser un género específico que vendía periódicos e interesaba a la publicidad. El deporte no era como algunos pensaban una actividad banal, sino algo de lo que ya no puede prescindir el ser humano y, en consecuencia, los medios impresos (ALCOBA LÓPEZ, 2005 p. 154 e 155).

Essa alteração no cenário das redações, muito se deu pelo fato de que era necessária uma qualificação para atuar na área. Não bastava apenas colocar “jornalistas de segunda linha”, como eram tratados os primeiros profissionais a imergirem nesse gênero, já que segundo o senso comum que imperava no meio, qualquer um poderia tratar desses assuntos, já que o esporte não era uma das preocupações mais prioritárias na agenda do jornalismo.

Com o decorrer do tempo, surgiram as mudanças que foram fundamentais para que o jornalismo esportivo pudesse se desenvolver, e a partir desse ponto, ganhar mais credibilidade, mesmo que de forma gradual. Havia a necessidade de moldar um profissional, em meio a sua carreira, que pudesse transpor a barreira do simplismo de relatar os resultados das competições e eventos esportivos para o grande público, anunciantes e redatores.

Seguindo na linha de raciocínio de Alcobra López (2005), em esportes com cobertura e repercussão massiva, como é o caso do futebol que estamos tratando por aqui, qualquer situação, por mais ridícula que pareça tem a sua transcendência, ao passo que além dos resultados em campo (quadra, enfim, onde seja praticado) também estão em jogo interesses econômicos, políticos que podem influenciar em classificações e provocar conflitos entre aficionados por uma equipe, atleta, ou país envolvido em uma disputa.

Passada a época em que a cobertura do desporto não era considerada uma prática tão séria pelos jornais, o cenário mudou. E com essa transmutação na rotina das redações diversas transformações aconteceram. Começando pela migração (na realidade a reprodução) do conteúdo produzido pelo formato impresso para a plataforma virtual que, cada vez mais, hospedam portais, sites e blogues cuja temática é voltada às notícias esportivas, e em sua maioria com enfoque no futebol. Importante relevar que não só os jornais impressos se valeram dessa prática, o Rádio e a TV também investiram na difusão de seus noticiários na web.

3.2. O valor notícia no jornalismo esportivo

Antes mesmo de eleger o conteúdo a ser examinado, é fundamental ter conhecimento do processo de como se constroem as notícias que nos informam (e também as que desinformam) e o porquê de os fatos serem noticiados, ou não. Nesse sentido o valor notícia é fundamental para compreensão do tema a ser trabalhado aqui nesse estudo. Nelson Traquina (2002) estabelece pontos essenciais nos quais o jornalista deve levar em conta para determinar a importância do fato, já que para o autor, os valores não são estáticos, e sim variáveis de acordo com o contexto no qual se encontram.

A partir desses pontos ressaltados pelo autor devemos considerar fatores históricos, sociais, culturais, ou até mesmo por uma estratégia mercadológica do meio de comunicação em que o profissional do jornalismo está inserido.

A política editorial influencia a disposição dos recursos da organização, e a própria existência de espaços específicos dentro do produto jornalístico, através da sua política de suplementos e, sobretudo, de rubricas. A criação de espaços regulares, como suplementos e rubricas/seções, tem consequências diretas sobre o produto jornalístico de uma empresa, porque a existência de espaços específicos sobre certos assuntos ou temas estimula mais notícias sobre esses assuntos ou temas, dada a necessidade do seu preenchimento. (TRAQUINA, 2002, p.201).

Ainda em conformidade com TRAQUINA (2002) existem alguns fatores básicos tidos como critérios que são utilizados na rotina dos veículos de comunicação que exercem o jornalismo. São eles:

Morte: quanto maior o impacto do ocorrido, principalmente se for uma pessoa famosa, ou em onipresente na mídia, e até mesmo o nível de uma tragédia ou brutalidade envolvida no óbito, o jornalismo direciona o seu viés para o assunto, ainda mais quando se trata de *hardnews*, onde o apelo popular é o ponto central da audiência de um veículo de comunicação, portanto, o valor notícia será ainda maior.

Notabilidade: o que é tangível, ou que está sempre em evidência. Autoridades e políticos costumam pautar esse critério.

Inversão: o que rompe a fronteira da “normalidade”, algo incomum. Um desalinhamento entre os acontecimentos corriqueiros.

Quantidade: notícias que abordam fatos, ou dizem respeito, sobre uma quantidade considerável de pessoas são tratadas de forma muito particular pelo jornalismo.

Insólito: o algo improvável. O próprio TRAQUINA (2002) recorre ao exemplo do ladrão que devolve o carro roubado ao dono.

Notoriedade: notícias sobre celebridades e pessoas famosas, conhecidas que despertam a atenção e o interesse do grande público.

Além, é claro, de outros assuntos que via de regra geram discussões e repercussões ao serem noticiados. Escândalos públicos e privados, ou algo inesperado. E determinar o que, de fato, é uma notícia requer o atributo de contar uma história com base na veracidade dos fatos, respeitando a relação com as fontes e o público consumidor da notícia, como um produto final desse processo.

Sabemos que a principal premissa do jornalismo, enquanto prática social surge da inquietação em saber e informar o que está acontecendo ao seu redor. Contudo, em decorrência do avanço da mentalidade e prática capitalista, que prevalece desde o surgimento do jornalismo como um instrumento de comunicação social, o jornalismo tende a ser norteador por vetores como os grandes grupos de meios de comunicação, e suas estratégias de mercado. Essa lógica rege o jornalismo muito além de um campo do conhecimento, e sim como um negócio. Com efeito, determinando o interesse sobre interesses públicos e sociais, e por consequência nos valores éticos dos profissionais que atuam nesse campo.

Com base em outra premissa, a da imparcialidade, o fazer jornalístico torna-se referência como principal suporte na ancoragem de argumentos sobre os fatos que acontecem – e só acontecem porque viraram notícia – ou seja, passaram e foram mediados pelo filtro do jornalismo. Ainda sobre esse preceito do caráter da imparcialidade que o jornalismo carrega nada mais é do que uma projeção mítica da atuação jornalística. Pois como bem sabemos (ou deveríamos saber), não há como ter uma percepção imparcial sobre a construção da narrativa de um fato.

Antes, porém, um dos questionamentos essenciais para compreendermos as teorias sobre o jornalismo é: “o que faz um fato virar ou não notícia?”. De fato existe uma hierarquização na seleção do que virará notícia como grau de noticiabilidade, determinando o que é ou não mais importante para ser noticiado. Essa escala passa por alguns fatores que vão desde a necessidade do ofício de comunicar e informar sobre algo ocorrido, passando por filtros

e decisões editoriais que seguem concepções e interesses empresariais na difusão do convém ser noticiado.

Nessa lógica, cada fato que é relatado passa por esse filtro denominado como valor notícia. E uma série de fatores é levada em conta a força do fato/acometimento, o interesse público, a atualidade, o acesso e apuração do ocorrido, além, é claro, da linha editorial da empresa jornalística.

Outro ponto fundamental a ser ressaltado nessa construção do valor-notícia é a relação do jornalista com suas fontes, a fim de obter a maior veracidade possível dos fatos. “A notícia é a interpretação de um fato, mas a interpretação da notícia se faz melhor se nos perguntarmos a quem beneficia ou prejudica, como pista para averiguar quem pode ser a verdadeira fonte” (GOMIS, 2004, p.106).

Embora sua importância não seja tão reconhecida como uma pauta social a exemplo de outras editorias frequentemente abordadas pelo jornalismo, como economia, política, polícia, entre outras, o Jornalismo Esportivo também se insere nos preceitos abordados por essas teorias citadas anteriormente.

E fazendo um recorte mais específico sobre o jornalismo esportivo, o futebol surge como o carro-chefe no noticiário esportivo em qualquer meio de comunicação, visto que além de ser o esporte mais popular e difundido por esses meios, seu alto potencial em veicular nas notícias garante um retorno publicitário e midiático considerável para as empresas jornalísticas. Assim como nas outras editorias, o do esporte também conta com profissionais de alto grau de reconhecimento na sua atuação jornalística, a apuração e checagem das informações e suas fontes geram uma credibilidade, para o jornalista, e para a empresa e meio em que ele exerce esse trabalho.

Nesse bojo de relações profissionais, profissional atuante no jornalismo, não deixa de ocupar sua posição e atuação como um ator social, visto que quando esse sujeito transmite uma informação, independente do meio em que a difunde, torna-se uma referência, e sua palavra, ou opinião é tomada e propagada como uma verdade (não raro são os casos em que essa verdade é estabelecida pelo senso comum como algo incontornável).

De acordo com RECUERO (2009, p.107) existem quatro valores que influenciam estes atores sociais: visibilidade, popularidade, reputação e autoridade, com significado em quem produz, recebe e compartilha o conteúdo no ambiente da rede social”. Mesmo sendo premissas

básicas de qualquer jornalista que se preze em relação ao seu trabalho, métodos tradicionais do ofício são essenciais para que o profissional conquiste e garanta o que o público mais espera de um jornalista: credibilidade.

Ter noção do papel que o jornalista representa junto a uma esfera social é um status alcançado graças à conjuntura dessas práticas profissionais. E o resultado disso, para o público interessado é ter a notícia ou a informação como uma verdade. Ainda nesse sentido, CORNU (1999) aponta que só é informação se é verdade. Fora da verdade não é notícia, muito menos jornalismo. 1) Os medias estão obrigados à verdade, 2) a verdade é o critério normativo e crítico da informação, 3) a informação verdadeira é a forma legítima da comunicação (CORNU Apud HÖFFE,1999, p.394).

Sob esse cenário, o jornalismo esportivo proporciona não só uma vasta gama de opções para o público acompanhar notícias e coberturas em tempo real de eventos desportivos, tais como: jogos, sorteios de competições, entrevistas e treinamento de equipes, como também propiciam ao internauta ferramentas de interação (algumas mediadas pelos sites) com o conteúdo produzido, por intermédio de comentários nas próprias páginas, bem como nas redes sociais, especialmente via Twitter e o Facebook. Em muitos casos, inclusive, o internauta participando como um agente direto na construção das informações, e nesse sentido transformando o público interativo em uma espécie de “colaborador” desse processo.

A grande vantagem explorada nesse suporte é a possibilidade de publicar uma notícia de forma instantânea e poder editá-la, atualizando as informações quantas vezes forem necessárias, diferente da questão temporal existente na edição impressa dos jornais, e na grade de programação da TV e do Rádio. Conforme bem coloca RAMONET (2012) “A lógica da informação on-line é lançar uma informação em estado bruto (ou às vezes até aproximado) e, depois, corrigi-la, modificá-la, ou enriquecê-la incessantemente, a cada hora, a cada instante” (RAMONET, 2012, p.17).

Todavia, embora essa interação seja benéfica em muitas situações, é necessário ter consciência que a inversão do papel de receptor para produtor de informação, não é um dogma na questão da credibilidade jornalística. Opiniões expressas por meio de comentários (por mais articulados que sejam) em redes sociais sem a devida mediação das atribuições que compõe a atividade jornalística, tais como: apuração com as fontes e desdobramentos das notícias.

Portanto, é cada vez mais necessário identificar e apurar as notícias de maneira que não haja dúvida para o público receptor que usará a informação como uma fonte segura e, por consequência, difundirá como a retransmissão de um fato verdadeiro, algo incontornável.

4 O JORNALISMO ESPORTIVO E SEU OLHAR SOBRE O RACISMO

4.1. Percurso metodológico

A hipótese deste estudo é que os técnicos negros do futebol brasileiro não são lembrados, ficando à margem dos noticiários esportivos quando são contratados e demitidos, por sua condição racial. Portanto, trataremos de como o tema é abordado (ou negligenciado) pela imprensa através análise de dois sites especializados em esportes, a saber: ESPN (transmitida no Brasil pelo serviço de TV a cabo) e o globoesporte.com, da Rede Globo de Televisão. Nos dois casos através do método de análise de conteúdo pretende-se verificar:

a) A ausência com que o assunto é abordado pelos dois sites nas notícias referentes às trocas de comando técnico nos clubes da elite do futebol brasileiro; b) A problematização (ou a falta dela) quando da ocorrência de casos de discriminação/injúria/componentes raciais através das notícias publicadas nos dois veículos selecionados.

Diante do exposto, a metodologia a ser seguida versará sobre a análise de conteúdos de dois portais esportivos brasileiros com grande audiência na internet, por intermédio do método quali- quantitativo. Será analisado o teor das notícias referentes aos anúncios de contratações e demissões de treinadores negros nos clubes da elite do futebol nacional (Série A do Campeonato Brasileiro) nos períodos de janeiro de 2013 a outubro de 2015. O tempo transcorrido a ser tratado nesta etapa visa discorrer, de forma mais apurada, o sentido principal a qual nos propomos na introdução desta monografia, a fim de evitar acúmulo de matérias e seus respectivos assuntos.

No que se refere ao corpus de pesquisa, selecionamos as postagens dos dois sites quando ocorrido o fato das contratações e interrupções dos contratos desses profissionais com os clubes da 1ª Divisão Nacional referentes ao período sugerido para a pesquisa. Não por casualidade, mas os dois veículos produzem (e reproduzem) matérias e reportagens em dois formatos midiáticos, TV e internet, ou seja, possuem maior possibilidade e potencialidade de alcançar mais público, e por consequência, audiência. Tendo como alicerce teórico os valores notícias do jornalismo, especialmente o esportivo, a análise do material veiculado deverá mostrar o tratamento, e desdobramentos, da temática do racismo referente aos treinadores afrodescentes.

No período (de janeiro de 2013 a outubro de 2015) que está sendo analisado, apenas três treinadores negros figuram entre as setenta e seis (76) trocas de comandos técnicos realizadas no prazo especificado para este estudo, levando em conta apenas a Série A do Campeonato Brasileiro. Cristóvão Borges é o profissional com maior rotatividade nesse tempo, em seguida aparecem Jayme de Oliveira e Roger Machado.

A opção de fazer análise dos sites da ESPN Brasil e do globoesporte.com se deve ao fato de que os dois portais de notícias provém de emissoras de televisão. No caso da ESPN, um canal dedicado exclusivamente à cobertura das mais variadas competições esportivas. Por sua vez, o globoesporte.com, além de produzir um vasto conteúdo sobre esportes, reproduz notícias veiculadas na TV Globo. Em ambos os sites, a potencialidade de alcance de público é muito mais ampla, em virtude da possibilidade de difundir as notícias em dois suportes distintos de informação, principalmente pelo fato de que o acesso a esses portais é gratuito, sem a necessidade de cadastro (como no Lancenet.com.br), ou pagamento para permissão aos grandes jornais do país.

4.2. E o “Professor”, não pode ser negro? O caso dos treinadores

Os casos envolvendo racismo no futebol (no Brasil e no exterior) são corriqueiros. Embora tenham vindo à tona com uma frequência maior nos últimos anos, muito devido a grande quantidade de veículos que acompanham o esporte no país, a prática de insulto e situações que remetem ao preconceito racial é onipresente no mundo do esporte bretão. Seja ela dentro dos gramados ou fora dela.

Com a popularização e acesso aos meios digitais de comunicação, especialmente no que se referem à interatividade dos leitores e internautas, as manifestações de cunho racistas passaram a ter uma repercussão um pouco mais atenta. Todavia, os desdobramentos, não raro, são arrefecidos pelas pautas seguintes que compõe a agenda do jornalismo esportivo.

É difícil estipular uma média de situações que envolvem os casos de racismo, já que o tema ainda é tratado em uma esfera de repúdio, sem a devida problematização e desdobramentos que lhe é devido. O campo do jornalismo que atua como mediador entre os fatos e a sociedade, não dá conta em aprofundar e repercutir o problema de uma forma convincente, atuando assim como uma prática social.

Inédito no país, o Observatório da Discriminação Racial no Futebol¹⁴ surge como uma ferramenta de monitoramento dos casos de racismo e preconceito racial. Não só o futebol é destaque no observatório. Casos de discriminação étnicas nas mais variadas práticas esportivas também são catalogadas, sejam elas ocorridas no Brasil ou no exterior. Para situar melhor o teor deste estudo, selecionamos uma reportagem e um debate acerca do tema envolvendo treinadores negros. A análise de conteúdo proposta na introdução dar-se-á no capítulo seguinte, onde abordaremos a maneira como o jornalismo atua (ou se omite) quanto à problematização do assunto.

Na edição de março de 2013, a revista Placar publicou uma reportagem em seu site intitulada **“Me desculpe, mas você é preto”**¹⁵. Assinada pelo repórter Breiller Pires, a reportagem retrata um pouco desse processo de exclusão vivenciado pelos treinadores negros. O jornalista da Placar deu voz às manifestações de profissionais que enfrentam o desemprego na profissão, e via de regra, são relegados para comandar os cargos.

Na época da publicação, Lula estava há 12 meses sem trabalho (seu último emprego foi no Ceará Sporting Club), no qual durou menos de 30 dias à frente da equipe cearense. O técnico alegou que o ostracismo se devia ao fato que propomos versar nesta monografia – o racismo. Mesmo com um currículo superior ao de muitos técnicos da elite do futebol brasileiro, Lula desabafou sintetizando a mentalidade dos gestores que administram os clubes de futebol profissional no país: **“já ouvi de empresários: “O pessoal do clube gostou do seu perfil, mas, me desculpe, você é preto”**¹⁶”, afirmou o treinador.

A matéria ainda aborda que em todas as conquistas de Copa do Mundo pela Seleção Brasileira de Futebol, os cinco elencos vencedores contaram com, pelo menos, cinco jogadores negros, entre titulares e reservas. Também destaca que um dos poucos, talvez o único, que tenha triunfado na carreira de técnico de futebol foi o ex-jogador – e ídolo – do Botafogo e Seleção Brasileira, Valdir Pereira, ou simplesmente: Didi – o Folha Seca.

A destacar na reportagem, o caráter paliativo, entenda-se provisório, ou “tampão” no jargão popular, na qual ocorrem as oportunidades de um negro assumir o comando técnico de

¹⁴ Fundado em 2 de maio de 2014, por Marcelo Medeiros de Carvalho, o Observatório da Discriminação Racial no Futebol é um site criado para monitorar e divulgar casos de racismo e ações afirmativas no futebol brasileiro. A ideia surgiu devido a grande incidência de discriminação racial durante os primeiros meses daquele ano.

¹⁵ Edição nº 1376, de março de 2013, páginas 54 a 58.

¹⁶ “Me desculpe, você é preto”: técnicos reclamam de racismo. Disponível em: <<http://placar.abril.com.br/materia/me-desculpe-voce-e-preto-tecnicos-negros-reclamam-de-racismo/>> Acessado em: 10/11/2015.

uma equipe. São citadas as experiências de Andrade, o primeiro treinador negro a ser campeão brasileiro de futebol¹⁷, Cristóvão Borges e Serginho Chulapa, todos em caráter de suplência, e não com projeto de trabalho a longo prazo, como ocorre com técnicos que não são negros. Cláudio Adão, Valmir Louruz e Roque Júnior também foram entrevistados, porém, apenas com algumas suas opiniões acerca do tema. Com efeito, o repórter agregou dados estatísticos sobre porcentagens de negros na população brasileira, e ainda que desatualizado (1996), um censo sobre jogadores negros na elite do futebol nacional.

A matéria ainda traz colocações dos profissionais entrevistados, e de professor universitário para embasar a construção do texto. A contribuição acadêmica, nesse caso, poderia ter um pouco mais de espaço na edição final da reportagem, levando em conta que o tema do racismo no futebol, a rigor, é estudado e pesquisado no campo acadêmico do conhecimento humanístico, como a Antropologia, História e Sociologia, retratando assim o quanto o Jornalismo ainda é carente desse tipo de análise e, sobretudo, autocrítica.

Com um caráter que remete a um ineditismo acerca do tema, a reportagem teve desdobramento no portal da internet IBAHIA¹⁸, que conversou com treinadores, dirigentes, um historiador e o presidente da Federação Baiana de Futebol FBF.

O ex-jogador dos dois times mais populares da Bahia, Paulo Isidoro¹⁹ (na época ocupava a função de auxiliar técnico do Ypiranga (BA), e era aluno do módulo avançado no curso de formação de treinadores da Confederação Brasileira de Futebol – CBF) expressou seu incômodo com a ausência de discussão e debate sobre o tema em questão. “Não sei se é preconceito, má qualificação... Acho que é um pouco de cada, acho que se você se qualificar bem, se você buscar aquilo que você quer, acho que você alcança”, afirmou o ex-boleiro e auxiliar técnico do Ypiranga²⁰.

¹⁷ Campeonato Brasileiro de futebol profissional do ano de 2009, organizado pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e vencido pelo Clube de Regatas do Flamengo. Vale ressaltar foi, até agora, o único técnico negro a conquistar esse título. Luis Carlos Nunes da Silva, o Carlinhos, era considerado mulato/mestiço também foi campeão à frente da equipe rubro-negra no Campeonato Brasileiro de 1992.

¹⁸Técnicos negros têm pouco espaço no futebol brasileiro; racismo? Disponível em: <<http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/tecnicos-negros-tem-pouco-espaco-no-futebol-brasileiro-racismo/?cHash=529b4ea062cbf1797b0e8b80cbaa30b3>> Acesso em 25/09/ 2015.

¹⁹ Alex Sandro Santana de Oliveira, (Salvador, 30 de outubro de 1973) mas conhecido como Paulo Isidoro devido a sua semelhança com o jogador homônimo que foi ídolo do Atlético Mineiro e Seleção Brasileira. Começou a carreira no Vitória da Bahia e teve passagens por Palmeiras, Internacional, Guarani, Cruzeiro, Bahia e Fortaleza.

²⁰ Na época da entrevista (Março de 2013) ocupava a condição de Auxiliar-técnico do Ypiranga da Bahia.

Seguindo na mesma linha de Paulo Isidoro, o técnico do Juazeiro²¹ (BA) Janilson Brito fez um desabafo: "Vivemos numa sociedade preconceituosa, de uma falsa democracia. Não é possível que tantos jogadores com qualidade não tenham vingado como técnicos pelo simples fato de serem negros". Para contextualizar o cenário o historiador Henrique Sena sintetizou sobre a inexistência de negros dirigindo ou treinando clubes de futebol: continua a ser legitimada por resquícios de um racismo científico no qual os negros apenas possuem virtudes físicas e corporais como força, velocidade, enquanto que as habilidades do intelecto eram naturalmente associadas à raça branca²².

Sena ainda completou seu argumento ilustrando que o cargo de técnico de futebol é um posto de trabalho na condição de uma hierarquia superior, ou seja, de chefia e levando em conta a relação histórico-social do Brasil, ainda hoje (2015) os profissionais negros ocupando os lugares de chefia continuam sendo uma minoria.

Logo, segundo o historiador, boa parte de ausência de representação dos técnicos negros no mercado do futebol, se deve ao fato de que muitos deles desistiram, ou não se sentiram seguros para se aventurar na profissão diante de condições raciais desfavoráveis. Dentro da macroestrutura do futebol é bem evidente a exclusão do profissional negro nos cargos de gestão, coordenação ou liderança. Não muito diferente da realidade do país, é claro.

Em 13 de novembro de 2014, uma semana antes do 20 de novembro (Dia da Consciência Negra), o site da BBC Brasil publicou uma matéria sobre a dificuldade em que os treinadores negros enfrentam no futebol brasileiro. A matéria assinada pela repórter Renata Mendonça, tem o título "**Técnicos negros sofrem para quebrar preconceito e ganhar espaço no futebol**"²³. Ilustrando a reportagem temos a foto do treinador Campeão Brasileiro de 2009, Andrade, e logo na legenda já é informado que desde a experiência no Flamengo o profissional não conseguiu treinar clubes da elite.

²¹Equipe da segunda divisão baiana que no ano da reportagem citada no texto chegou até às semifinais do campeonato Baiano da primeira divisão.

²²Técnicos negros têm pouco espaço no futebol brasileiro; racismo? Disponível em: <<http://www.ibahia.com/detalhe/noticia/tecnicos-negros-tem-pouco-espaco-no-futebol-brasileiro-racismo/?cHash=529b4ea062cbf1797b0e8b80cbaa30b3>> Acessado em: 21/11/2015.

²³Técnicos negros sofrem para quebrar preconceito e ganhar espaço no futebol. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141111_racismo_tecnicos_futebol_rm> Acesso em: 25/09/2015.

No decorrer do texto, a repórter entrevistou técnicos, dirigentes e acadêmicos sobre a ausência do protagonismo negro à beira do campo. Dados coletados a partir da reportagem da revista *Placar* referida anteriormente foram utilizados como base para os questionamentos. Diferente dos dois exemplos citados anteriormente, essa matéria não fica restrita ao cenário nacional. A ausência desses profissionais no continente europeu também foi abordada, inclusive citando um número revelador da discrepância que os técnicos enfrentam. Na Inglaterra, por exemplo, apenas 19 dos 552 principais cargos no comando do futebol profissional são negros.

Ao citar o Brasil, apenas Cristóvão Borges foi lembrado. Celso Rodrigues da Chapecoense havia sido realocado na condição de auxiliar técnico, reassumiu a equipe após a demissão de Jorginho, no dia 17 de novembro do mesmo ano, ou seja, quatro dias após a publicação da BBC.

Um dos ouvidos pela reportagem, o Cientista Político Marcel Diego Tonini (2014) que pesquisa sobre “negros no futebol” elucidou que o preconceito velado é fortemente enraizado na cultura brasileira por uma hierarquia institucionalizada. "Se você descer a hierarquia, você vai ver mais negros – massagistas, roupeiros, treinadores de goleiro. Mas treinador, dirigente, são cargos maiores e não querem dar esse espaço aos negros", afirmou Tonini à reportagem.

Um dos dirigentes de clubes consultado pela repórter, Alexandre Kalil (na época Presidente do Clube Atlético Mineiro) rechaçou a hipótese de preconceito e saiu com a seguinte declaração: "Não tem técnico negro? Então ligue para a (presidente) Dilma e mande ela fazer uma cota pra técnico negro", ironizou. "Eu sou um árabe, não sou um negro, mas também sou discriminado (na sociedade). Não acho que exista nenhum preconceito (no futebol)", afirmou o Kalil. A reportagem ainda foi reproduzida nos portais Terra e IG.

Em meio a toda essa adversidade, é preciso reconhecer que, pelo menos, nos últimos 10 anos, houve uma ascensão (ainda que tardia) dos negros em cargos de chefia no mercado de trabalho. Muito disso devido às políticas de inclusão sociais implementadas pelos governos que investiram, especialmente, no acesso à Universidade e demais áreas da educação. Contudo, à exceção de atletas em atividade, é de veras esporádico encontrar um dirigente de futebol, tampouco um presidente de clube negro.

No que compete ao papel do jornalismo é ainda mais raro manifestações em favor de um debate mais aprofundado acerca do tema. A ressalva é de quando ocorrem casos onde o racismo é explícito e gera repercussão, na qual os meios de comunicação tratam de forma

superficial e simplista. Para ilustrar melhor a nossa observação sobre isso, Muniz Sodré (1999) analisa pelo seguinte viés: “a mídia funciona, no nível macro, como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, [...] que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele.” (SODRÉ, 1999, p.243).

Quer dizer, é no espaço midiático que ocorrem grande parte das relações étnico-raciais brasileiras. Portanto, a reprodução da normatização dessa discrepância étnica opera em um senso comum onde tudo parece estar no seu devido lugar. E quando ocorre o protagonismo do negro nesse cenário midiático, o jornalismo esportivo se quer problematiza ou enaltece o fato.

Em 1995, aproveitando a efeméride dos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, o jornalista e professor Eugênio Bucci escreveu em O Estado de São Paulo artigo de opinião sobre a representação do negro na TV. Bucci teceu críticas como a mídia e a sociedade brasileira tentavam (e tentam) redimir a dívida histórica do país com os negros (de forma estereotipada) demarcando socialmente. “Houve o tempo que negro só podia aparecer como passista, jogador de futebol, empregada doméstica, cantor de grupo de pagode, traficante, assaltante, favelado (BUCCI, 1997, p. 169)”.

Mesmo o texto sendo crítico à TVC brasileira e suas exclusões, o autor ainda completa com o ponto que nos propomos a tratar neste estudo: o avesso do racismo, ou seja, o racismo dissimulado no meio dos treinadores de futebol.

4.2.1 O caso Cristóvão Borges

Mesmo com pouco tempo de carreira (desde 2011), Cristóvão Borges é o técnico negro com mais oportunidades de trabalho no futebol brasileiro nos últimos anos. Desde sua saída do Vasco da Gama, onde assumiu como interino e foi efetivado, o profissional realizou um bom trabalho à frente do clube cruzmaltino, alcançando um vice-campeonato brasileiro (2011) e levando o time até as quartas de final da Copa Libertadores da América do ano seguinte. Em menos de cinco anos, Cristóvão Borges teve passagem por três dos quatro clubes considerados grandes do Rio de Janeiro. Também treinou o Bahia, e esteve perto de fechar um acordo para treinar o Grêmio. Atualmente está no comando do Atlético Paranaense.

Após sofrer uma goleada antológica (7x3) para o maior rival, Vitória, no primeiro jogo das finais do Campeonato Baiano, como não poderia deixar de ser, o Bahia seguiu a tradição e

demitiu o então treinador Joel Santana. Duas semanas depois, um treinador negro assume o comando técnico da equipe tricolor. O último afro-brasileiro a frente do time baiano foi Lula Pereira em 2006. O contrato do novo técnico, Cristóvão Borges, durou até o final do ano (2013). Além de cumprir o tempo estipulado, e com todas as dificuldades enfrentadas ao longo do certame, Cristóvão Borges conseguiu livrar o time do rebaixamento à Segunda Divisão do Brasileiro.

Figura 1 – notícia no site da ESPN



Fonte: www.espn.uol.com.br

Figura 2 – página do Bahia no Globoesporte.com



Fonte: globoesporte.globo.com

Em 17 de maio de 2013, Cristóvão Borges foi anunciado como o novo técnico do Esporte Clube Bahia, para a disputa do Brasileirão daquele ano. Protocolares, as duas manchetes que informaram o fato nos dois sites, em momento algum ressaltaram o fato do treinador ser negro. Ocorrência também corriqueira no decorrer dos textos que informam o acontecimento, nesse caso as contratações. Nunca é demais destacar que para os olhares menos atentos esse tipo de informação pode ser irrelevante. Contudo, não é o que nos propomos a fazer por aqui.

Conforme os critérios de noticiabilidade, a manchete, o lead e o corpo do texto destacam o trivial nas informações acerca da contratação. Ambos os sites, ESPN²⁴ e Globo Esporte²⁵, versam de maneira muito semelhante o conteúdo da contratação. Momento de crise da equipe que gerou a troca de comando técnico, aposta em um treinador novo para alcançar resultados. O fato de Cristóvão Borges ser baiano e ter começado a carreira profissional no clube também foi lembrado. Quanto à normatização recorrente nesse tipo de notícia (trocas e sondagens de treinadores de futebol), no que se refere à falta de destaque da questão étnica, até aquele momento (2013), ser o único treinador negro na elite do futebol brasileiro, SODRÉ elucida:

A mídia é o intelectual coletivo desse poderio (elite), que se empenha em consolidar o velho entendimento de povo como “público”, sem comprometer-se com as causas [...] verdadeiramente públicas nem com a afirmação da diversidade da população brasileira. O racismo modula-se e cresce à sombra do difusionismo culturalista euroamericano e do entretenimento rebarbativo oferecido às massas pela televisão e outros ramos industriais do espetáculo (SODRÉ, 1999. p.244).

Ainda na esteira da reflexão referida acima, o jornalismo como uma prática social mediadora dos acontecimentos na sociedade, e todo o sistema mediático (jornais, radiodifusão, editoras, agências de publicidade, entre outros) SODRÉ (2012) afirma que esse conjunto de forças consiste como elites intelectuais de caráter “logotécnicas”, isto é, especializada na neo-retórica elaboradora do discurso público.

Após ter optado por aguardar propostas de trabalho, já que não havia seguido no comando técnico do Bahia, Cristóvão Borges foi anunciado no começo do mês abril pelo Fluminense, para a disputa da Copa do Brasil, Copa Sul-americana e do Campeonato Brasileiro

²⁴ Disponível em: < http://espn.uol.com.br/noticia/330195_bahia-oficializa-contratacao-de-cristovao-borges-como-novo-tecnico>. Acesso em 08/11/2015.

²⁵ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/bahia/noticia/2013/05/cria-tricolor-cristovao-borges-e-o-novo-tecnico-do-bahia.html>>. Acesso em 08/11/2015.

daquele ano. As manchetes da ESPN e do GE que noticiaram a contratação do treinador para o lugar de Renato Gaúcho no clube das Laranjeiras.

Figura 3 – ESPN anuncia o novo comandando do Fluminense



Fonte: www.espn.uol.com.br

Figura 4 – GE e a volta de Cristóvão às Laranjeiras



Fonte: globoesporte.globo.com

Na matéria do site da ESPN o texto vem com informações acerca do rápido anúncio de quem era o substituto de Renato Gaúcho. Foi destacada a passagem do novo técnico como jogador do Fluminense na década de 1980 e a palavra do presidente do clube carioca, Peter Siemsen, que justificou a decisão por contratar Cristóvão Borges: “é um nome conceituado no mercado, tem capacidade de desenvolver jovens e, não menos importante, tem faixa salarial bem abaixo de medalhões do futebol brasileiro”, afirmou o mandatário tricolor.

Já a abordagem do globoesporte.com não foi muito diferente. O portal noticiou o fato trazendo o contexto da contratação semelhante ao que fez o da ESPN. Além de destacar a passagem do técnico pelo time, na época em que foi atleta, também foi ressaltada a disputa política no Fluminense, visto que a decisão de contratar Cristóvão Borges partiu unicamente do presidente do clube, contrariando a vontade do gestor da então patrocinadora e principal parceira do clube, a Unimed, que almejava um nome do “alto escalão” de treinadores do futebol brasileiro²⁶.

Em 23 de março, pressionado pelos resultados e por derrotas em clássicos, o técnico foi demitido do Flu. Cristóvão Borges esteve à frente da casamata tricolor em 56 partidas: foram 28 vitórias, 11 empates e 16 derrotas nesse quase um ano de comando. Dois meses após a saída do Fluminense, Cristóvão Borges era um nome que ganhava força nos bastidores do Grêmio. O time gaúcho havia demitido o ídolo Felipão, buscava um substituto jovem no mercado e, principalmente, mais barato para a folha de pagamento do clube. Mas o tricolor portalegrense fechou com Roger Machado, também jovem e também negro.

Cristóvão Borges foi contratado pelo Flamengo em 27 de maio de 2015 para substituir Vanderlei Luxemburgo. Ciente do desafio que era comandar um clube com a grandeza do Flamengo, o técnico sabia da pressão que sofreria ao ocupar o cargo. Assumiu o time em 17º lugar (na zona de descenso à Série B) e tinha como adversário de estreia justamente seu último time onde trabalhou: o Fluminense. As notícias referentes à contratação do técnico que ia dirigir pela terceira vez um grande time do Rio de Janeiro, em apenas cinco anos de carreira, foram as seguintes:

²⁶ Nomes que sempre figuram no mercado de técnicos da elite do futebol nacional. Vanderlei Luxemburgo, Luiz Felipe Scolari, Tite, Muricy Ramalho, Abel Braga, Oswaldo de Oliveira, Mano Menezes, Marcelo Oliveira e Cuca. Também podemos citar em um “segundo escalão” nomes como: Dorival Júnior, Joel Santana, Renato Gaúcho, Adilson Baptista, Celso Roth entre outros que sempre são sondados pelos clubes da elite em trocas de comando técnico.

Figura 5 – ESPN anuncia o fato



Fonte: www.espn.uol.com.br

Figura 6: GE informa novo técnico do Flamengo



Fonte: globoesporte.com

Como podemos perceber, a ESPN²⁷ é direta nas manchetes, fazendo o lead com as informações básicas só a partir do primeiro parágrafo dos textos. O globoesporte.com utiliza o expediente do lead antes de seguir a matéria. Em ambos os casos as notícias são muito semelhantes. Os dois sites procuram dar ênfase ao fato da substituição de comando técnico, citando juntos com o treinador, a sua comissão técnica. Também situam um histórico sucinto

²⁷ Flamengo acerta com Cristóvão Borges para o lugar de Luxemburgo. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/513323_flamengo-acerta-com-cristovao-borges-para-o-lugar-de-luxemburgo> Acessado em: 15/11/2015.

da carreira do novo comandante e informando sobre o momento nas competições que estão sendo disputadas.²⁸

Detalhe para que o fato de Jayme de Almeida (que foi recontratado pelo clube no cargo de auxiliar técnico) comandaria o time carioca no confronto pelo Náutico, válido pela terceira fase da Copa do Brasil, no Maracanã. Ou seja, desde que o Cristóvão Borges foi anunciado como novo técnico do time, dois profissionais negros ocupavam os principais cargos na comissão técnica de um dos clubes mais populares do país. Como de praxe, o fato novamente passou batido pelos olhares da imprensa esportiva.

Com menos de três meses de trabalho, somando 19 jogos (8 vitórias, 9 derrotas e 2 empates), Cristóvão Borges sucumbiu aos resultados negativos, especialmente pelas derrotas nos clássicos contra seus ex-clubes, Fluminense logo em sua estreia pelo Fla, e contra o Vasco por duas oportunidades (Brasileiro e na Copa do Brasil). Pediu demissão. A julgar a cultura do futebol brasileiro, em almejar resultados dos treinadores em curto prazo, não há novidade em uma passagem tão breve no cargo de técnico de um grande clube no Brasil.

O que chamou a atenção foi como se deu a maneira em que o profissional foi demitido. A situação transpassou o campo de discussão de tempo de permanência do cargo, ou falta de paciência dos gestores do clube. A demissão de Cristóvão Borges foi um dos raros momentos onde, de fato, houve um debate sobre as condições as quais estão submetidos os técnicos negros à frente das grandes equipes do futebol brasileiro. Com efeito, julgamos ser adequado tratar de um processo de demissão em que envolve o tema a que nos propomos a discutir nesse estudo.

Antes mesmo de consolidada a saída de Cristóvão Borges do comando técnico do Flamengo, havia uma pressão muito forte para que ocorresse a demissão do comandante rubro-negro. Tal tensão culminou em vários episódios com ofensas raciais pelas redes sociais ao treinador. Esse fato foi abordado pelo canal ESPN Brasil no programa Linha de Passe, e teve desdobramentos entre os comentaristas da emissora (o conteúdo também reproduzido no site

²⁸ Pouco tempo a perder: Cristóvão Borges é o novo técnico do Fla. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/05/pouco-tempo-perder-cristovao-borges-e-o-novo-tecnico-do-fla.html>>. Acesso em: 15/11/2015.

do canal)²⁹. Além da participação do próprio Cristóvão que alertou sobre componentes raciais nas críticas feitas ao seu trabalho.

Atendendo a um convite do site da ESPN, o Professor de Antropologia da PUC-SP, José Paulo Florenzano e o jornalista Felipe Nascimento Prestes que já acompanhava o tema quando colaborador do site Impedimento.org, escreveram dois artigos referentes ao acontecimento³⁰. A argumentação de Florenzano (2015) começa com uma reflexão que, em suma, é a ideia central desse estudo: “A imprensa esportiva, de modo geral, atribuía o insucesso da empreitada (de ex-jogadores negros, depois de aposentados se projetando na nova profissão) ao simples acaso, às circunstâncias adversas, ou, ainda, à inaptidão para o exercício do cargo”. Uma vez que falta (não apenas no jornalismo esportivo) empreender um esforço ao tema sob uma nova interpelação, mais enfática e concernente, a fim de que o jornalismo não fique restrito apenas a abordagem superficial do caráter noticioso.

Já no texto de Prestes (2015) a questão do racismo velado e a “camuflagem” (termo utilizado por Cristóvão em entrevista ao canal ESPN Brasil) são esmiuçadas, na medida do possível. Uma vez que o jornalista trata de questionar determinadas culturas, por assim de dizer, quando da ausência de profissionais afrodescendentes em posições e hierarquias de liderança no Brasil.

Há uma referência ao texto publicado pelo colunista do jornal O Globo e comentarista do canal Fox Sports Brasil, Renato Maurício Prado, intitulado “Bancando o coitadinho”, na edição de 14 de agosto de 2015³¹ (e republicado no seu blog no site do jornal), cujo papel do jornalismo como prática social e mediador das tensões sociais, sucumbiu a uma opinião que, em nenhum momento aprofundou o tema com a devida seriedade, tampouco arguiu sob uma retórica convincente.

A crônica de Renato Maurício Prado é forjada pelo desalinho de sua paixão clubística³², em detrimento da razão e dos preceitos básicos do jornalista para a conquista e manutenção de

²⁹ Cristóvão confirma 'componentes racistas' em críticas: “Foi citado que escolheram um técnico do Pelourinho”. Disponível em: <http://temporeal.espn.com.br/noticia/534670_cristovao-confirma-componentes-racistas-em-criticas-foi-citado-que-escolheram-um-tecnico-do-pelourinho>. Acesso em: 20/10/2015.

³⁰ Jornalista e professor debatem 'componentes racistas' nas críticas a Cristóvão. Disponível em: <http://temporeal.espn.com.br/noticia/535568_jornalista-e-professor-debatem-componentes-racistas-nas-criticas-a-cristovao>. Acesso em 20/10/ 2015.

³¹ Bancando o coitadinho. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/renato-mauricio-prado/post/bancando-coitadinho-569936.html>>. Acesso em 20/10/ 2015.

³² O jornalista não esconde sua preferência pelo Clube de Regatas do Flamengo. Ao nosso juízo não há nenhum problema quanto à questão “para qual time determinado jornalista torce”, muita pelo contrário. Entendemos com

sua credibilidade. Para contextualizar melhor o sentido das palavras escritas na crônica do jornalista de O Globo, recorreremos às palavras de Antonio Alcoba, sobre a relação do jornalista com as suas preferências:

Los aficionados al deporte, especialmente al de espectáculo, suelen ser apasionados e intransigentes, y no discurren más allá de su pasión por el club que siguen y defienden, y los deportistas que veneran, a los que, en su adoración, perdonan sus pecados y no toleran que se aireen sus desaciertos. Pero el periodista tiene la obligación de ser neutral, aun confesándose seguidor de un determinado club o deportista, y lo mismo que halaga debe censurar el juego de un equipo, las acciones de los deportistas y los errores de los técnicos y dirigentes (ALCOBA LÓPEZ, 2005 p. 75).

Outro ponto chave destacado pelo professor, é a condição a que o profissional negro está submetido – a eterna condição de interino – raramente posto em primeiro plano quando das cogitações do “mercado” de técnicos de futebol no Brasil. E aí se encaixa o episódio que culmina na demissão de Cristóvão Borges: o desgaste e o fomento da instabilidade quanto à formação de opinião.

Embora sejam expressões quase sinônimas, essas situações são as que se encontram mais presentes nesse caso. Há de se levar em conta que, quando um trabalho de um técnico que não seja negro, a tolerância com a falta de resultados é maior do que com aquele profissional (ex-jogador, negro ou mulato), que não conta com o respaldo midiático, fator na maioria das vezes fundamental para “minar” a condição instável ocasionada pelas incongruências do corpo diretivo dos clubes de futebol país.

O compromisso racial seria, assim, a racionalização, por parte das camadas dirigentes, de uma realidade miscigenada. Mesmo parecendo acreditar na superioridade branca, as elites nacionais elaboraram um discurso de transigência, o da mestiçagem biológica e cultural, que gerou simultaneamente as ideologias do embranquecimento e da democracia racial (SODRÉ, 1999, p. 103).

Precisaram ocorrer injúrias raciais no episódio que culminou na saída do técnico, para que o jornalismo abordasse a questão de maneira mais aprofundada, exercendo assim a sua condição de mediador social. Nesse ponto, a cobertura dada ao caso foi satisfatória, visto que repercutiu não só nos dois veículos que analisamos por aqui. O fato proporcionou matérias em

algo salutar, desde que a paixão ou preferência clubística não perpassasse as fronteiras do limite da razão com que se exerce o jornalismo.

outros sites de notícias, cujo conteúdo era o questionamento sobre a falta de espaço e oportunidades que os técnicos negros enfrentam no futebol brasileiro.

A questão também foi abordada pelo globoesporte.com³³. A matéria trouxe uma informação do ano anterior (em um hipertexto³⁴) relevante para a discussão – a falta de tolerância com o seu trabalho desde a época em que começou a carreira no Vasco da Gama, em 2011, ao assumir o lugar de Ricardo Gomes que enfrentava problemas de saúde. No programa, Cristóvão Borges alegou que, por recebia uma pressão fora do comum vinda das sociais de São Januário, onde fica localizada a casamata do time mandante. “- É, no mínimo, uma grande coincidência, porque isso é verdadeiro, somos muitos poucos, então pode ser que exista isso (preconceito)”. O técnico ainda completou: “somos negros e sentimos isso no olhar, no movimento, e o comportamento de alguns”.

O jornal O Estado de São Paulo abordou a questão em seu site³⁵ trazendo a palavra a palavra de Cristóvão Borges (como fez a ESPN), que expôs a situação desconfortável, lembrando não só as críticas, mas sim as ofensas raciais que escutava quando ainda ocupava a casamata nos jogos do Flamengo no Maracanã. A matéria faz um breve histórico sobre a carreira do profissional como jogador e técnico, e aproveitou o tema para lembrar outros casos de racismo (explícito) em termos de futebol brasileiro e mundial. O conteúdo publicado pelo jornal também foi reproduzido no site da revista Veja, que por sua vez, também trouxe alguns casos de discriminação racial ocorridos recentemente.

Após a curta passagem pelo Flamengo, em outubro de 2015, o técnico assumiu o comando do Clube Atlético Paranaense para a disputa do resto do Campeonato Brasileiro e da Copa Sul-americana. Abaixo temos os noticiários do GE e da ESPN sobre o anúncio do técnico:

³³ Cristóvão enxerga críticas exageradas e relata ofensas: "Conotação racista". Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/08/cristovao-enxerga-criticas-exageradas-e-relata-ofensas-conotacao-racista.html>>. Acesso em 15/112015.

³⁴ Ao falar de preconceito, Cristóvão lembra pouca "tolerância" no Vasco. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/bem-amigos/noticia/2014/04/ao-falar-de-preconceito-cristovao-lembra-pouca-tolerancia-no-vasco.html>>. Acesso em 17/112015.

³⁵ Cristóvão Borges revela racismo em críticas ao seu trabalho no Fla. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol/cristovao-borges-revela-racismo-em-criticas-ao-seu-trabalho,1741603>>. Acesso em 15/112015.

Figura 7 – Agora no Atlético Paranaense

espn.uol.com.br/noticia/547970_atletico-pr-anuncia-cristovao-borges-como-novo-tecnico



Atlético-PR anuncia Cristóvão Borges como novo técnico

Publicado em 04/10/2015, 14:18 /Atualizado em 04/10/2015, 14:32
ESPN.com.br

Fonte: www.espn.uol.com.br

Não muito diferente do costume, tanto a manchete quanto o texto da matéria, foram breves da descrição da contratação. Informações essenciais como a condição em que ele assumiria o time, um pouco do seu histórico no futebol, citando sua passagem pelo clube paranaense na época de jogador, e a entrada no lugar do treinador que o antecedeu, Milton Mendes. No globoesporte.com o teor foi o mesmo. Contudo o site global discorreu em seu texto a rotatividade dos técnicos no “Furacão”, já que Borges era o quarto profissional a assumir o comando do time na temporada. Nos dois sítios nenhuma referência ao problema enfrentado pouco antes de sua queda no Flamengo.

Figura 8 – Notícia do GE

globoesporte.globo.com/futebol/times/atletico-pr/noticia/2015/10/atletico-pr-anuncia-cristovao-b



04/10/2015 14h35 - Atualizado em 04/10/2015 17h10

Atlético-PR anuncia Cristóvão Borges como novo treinador

Técnico assume após a demissão de Milton Mendes e é o quarto a comandar o time principal do Furacão em 2015. Borges terá dez dias até a estreia, contra o Cruzeiro

Fonte:globoesporte.com.br

4.2.2. O caso de Jayme de Oliveira

Depois de ocupar a condição de observador técnico (2004) e auxiliar (desde 2010), Jayme passou de interino a técnico efetivo do clube onde começou foi jogador na década de 1970. Com um acordo até o final do ano, o técnico assumiu o time em meio a uma crise e levou a equipe rubro-negra à conquista do seu terceiro título da Copa do Brasil, segunda competição mais importante do país.

Para torcedores e jornalistas esportivos era difícil prever qual seria o êxito do ex-zagueiro do clube como técnico. Talvez os mais otimistas, na melhor das projeções, podem ter torcido para que o destino o coroa-se o técnico com uma conquista, como foi o caso do último treinador que levantou um título nacional pelo clube – o também negro, Andrade. Abaixo, as manchetes sobre a efetivação do profissional no cargo:

Figura 9: Confirmando a efetivação de Jayme no Flamengo

The image shows a screenshot of a news article from the website globoesporte.globo.com. The URL in the browser's address bar is globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2013/09/por-telefone-rede-social-ou-no-ves. The page features a green header with a menu icon, the 'ge' logo, a shield icon, and the word 'FLAMENGO'. Below the header, the article is dated '26/09/2013 06h00 - Atualizado em 26/09/2013 06h00'. The main headline reads: 'Por telefone, rede social ou no vestiário, geração 81 'abençoa' Jayme'. A sub-headline states: 'Confirmação de ex-zagueiro como treinador gera série de manifestações que começa com ligação de Zico e tem até visita surpresa de Leandro, Adílio e cia no Maracanã'. At the bottom left, it says 'Por Cahê Mota Rio de Janeiro'. At the bottom right, there are social media sharing buttons for Facebook, Twitter, Google+, and Pinterest.

Fonte: globoesporte.globo.com

Figura 10 – ESPN anuncia a efetivação do técnico



Fonte: espn.uol.com.br

Logo após a demissão técnico Mano Menezes, em 19 de setembro de 2013, e sem acerto com Abel Braga, a diretoria do Flamengo recorreu a uma velha prática (bem paliativa, sobretudo, em momentos de crise): dar uma chance a “prata da casa”. No dia seguinte a derrota de virada por 4x2, em pleno Maracanã, frente ao Atlético Paranaense, Jayme de Almeida assumiu o comando técnico de um dos clubes mais populares do país. Primeiro na condição de interino, em seguida foi efetivado.

Em apenas três parágrafos, o anúncio do novo comandante do Flamengo não ganhou muito destaque pela ESPN³⁶. Mas não por falta de vontade ou má fé por parte da editoria do site. Assim como o globoesporte.com, que ressaltou mais a geração mais marcante e vencedora da história do clube carioca, nesse tipo de situação a maioria dos veículos de imprensa esportiva costuma não relevar a efetivação de um interino no cargo. Prova disso é o trecho no segundo parágrafo reproduzido a seguir: “Devido à falta de nomes de maior impacto no mercado, os dirigentes acharam mais prudente a manutenção do agora ex-auxiliar de Mano Menezes”.

A notícia ganha mais destaque com o ineditismo, o fato novo. A troca de um nome reconhecido no meio do futebol por outro com status semelhante. Isso gera mais interesse do público para ir atrás das notícias. Buscar mais informações acerca da negociação e outros fatores que considera relevante.

³⁶ Jayme de Almeida é efetivado no Flamengo. Disponível: <http://espn.uol.com.br/noticia/358293_jayme-de-almeida-e-efetivado-pela-diretoria-do-flamengo>. Acesso em 08/11/2015.

Na matéria do GE³⁷, o texto é bem longo que o da ESPN. O mote é relatar o respaldo que o novo técnico teve dos grandes ídolos do Flamengo na década de 1980, até pelo fato de ter sido companheiro de boa parte do elenco quando era atleta profissional. Vale ressaltar que nos dois textos fica evidente a prática dos clubes, quando proporcionam oportunidades a técnicos negros, de contratos temporários. O paliativo, nesse caso, é mais frequente do se imagina. Um cenário de trabalho em longo prazo só é cogitado em caso de retorno imediato, compreenda-se: conquista de título, onde a euforia pela glória alcançada pesa mais do que a racionalidade de um projeto de trabalho.

Quanto ao processo de construção das duas matérias, as duas seguem as premissas consideradas regras primárias do fazer jornalístico, especialmente quanto às duas particularidades, conforme bem coloca Luis Felipe Miguel:

O leitor/ouvinte/espectador, no papel de consumidor de notícias, mantém em relação ao jornalismo uma atitude de confiança similar a dos outros *sistemas peritos*, que pode ser dividida em três momentos: 1) confiança quanto da veracidade das informações relatadas; 2) confiança quanto à justeza e hierarquização dos elementos importantes ao relato; 3) confiança quanto à justeza e hierarquização das notícias diante do estoque de “fatos” disponíveis (MIGUEL, 1999, p. 199).

A temporada de 2013 terminou com os dois técnicos cumprindo seus contratos e logrando resultados. Cristóvão Borges salvou o Bahia do rebaixamento no Campeonato Brasileiro. Jayme foi campeão da Copa do Brasil com o Flamengo. Com 20 times formando a elite do futebol brasileiro, apenas dois deles (20%) contavam com treinadores negros no cargo.

O ano de 2014 prometia no futebol brasileiro. Além de todas as tradicionais competições a serem disputadas, o país recebeu pela segunda vez em sua história a Copa do Mundo. E mesmo com todo ambiente de pessimismo criado, principalmente pela imprensa (devido ao marasmo no andamento das obras para o Mundial), o evento foi um sucesso incomparável com relação a outras edições do torneio. Muito se falava no que a competição traria de legado ao Brasil. Não há como negar que a estrutura de equipamentos como os estádios/arenas construídos para sediar os jogos ficaram como herança da Copa, bem como alguns pontos referentes às questões táticas

³⁷ Por telefone, rede social ou no vestiário, geração 81 ‘abençoa’ Jayme. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2013/09/por-telefone-rede-social-ou-no-vestiario-geracao-81-abencao-jayme.html>>. Acesso em 08/11/2015.

que se praticam dentro das quatro linhas. Todavia, quanto ao cenário dos técnicos, nada de novo no front.

Jayme começou a temporada como efetivo no comando do Flamengo, na esperança de conquistar pela segunda vez o torneio mais almejado pelos times brasileiros, a Copa Libertadores da América. Contudo, o Flamengo perdeu para o León (México) em pleno Maracanã lotado, na última rodada da fase de grupos e foi eliminado precocemente da competição. Passadas algumas semanas após a eliminação, Flamengo conquistou o 33º título do Campeonato Carioca, em cima do arquirrival Vasco da Gama. Foi o segundo título do técnico em apenas oito meses de trabalho.

Em 12 de maio de 2014, enquanto estava de folga, Jayme recebeu uma ligação da produção do programa Bate Bola 2ª Edição (ESPN Brasil) onde foi indagado se já sabia que a sua condição era de ex-treinador do clube. Após oito meses a frente da casamata, e com duas conquistas recentes pelo time, o profissional foi demitido e soube por intermédio da imprensa antes de ser oficialmente por algum dirigente do clube carioca. Magoadado pela postura dos gestores do Departamento de Futebol Profissional do clube, Jayme lamentou a saída dessa forma e afirmou ter recebido sondagens de outros clubes para seguir trabalhando ao longo do ano.

4.2.3. O caso de Celso Rodrigues

A temporada ainda reservou uma surpresa do cenário dos técnicos do Brasileirão. Após um início ruim no Campeonato, estreante na elite do futebol brasileiro, a Chapecoense demitiu um dos principais responsáveis pela série de acessos (foram dois seguidos) do time até chegar à divisão principal da competição, Gilmar Dal Pozzo. Para o seu lugar o clube do oeste catarinense anunciou que o até então auxiliar técnico da equipe comandaria a esquadra verde até a contratação de um novo comandante. Em 23 de maio, Celso Rodrigues, era o segundo treinador negro a comandar um time da primeira divisão naquele Campeonato Brasileiro de 2014, visto que onze dias antes, outro técnico negro havia sido demitido (Jayme de Almeida).

Celso assumiu o Verdão do Oeste ³⁸ na sétima rodada, porém, ainda na condição de interino. A intenção dos mandatários do time era anunciar Argel Fucks, para o lugar de Dal

³⁸ Alcinha do time catarinense, como é chamado carinhosamente pela sua torcida.

Pozzo, contudo, não ocorreu o acerto com o ex-zagueiro do Internacional, que havia saído da Portuguesa. Com três meses e meio a frente da comissão técnica da Chapecoense (contando o período em que se realizou a Copa do Mundo), computando resultados históricos como a expressiva vitória conquistada fora de casa (2x0 no São Paulo no Morumbi), o rendimento decaiu e, após beirar a zona de descenso, a diretoria do clube resolveu contratar um treinador efetivo para o cargo. Jorginho, ex-jogador e técnico de clubes como Palmeiras, Bahia, Atlético Paranaense, entre outros, foi o escolhido para a missão. Entretanto, com a fraca campanha em apenas dois meses de trabalho Jorginho foi demitido. E para o seu lugar, novamente foi chamado Celso Rodrigues para o comando técnico.

Figura 11 – Celso Rodrigues orientando o treino da Chapecoense



Fonte: Diego Carvalho/Aguante/Chapecoense

Quanto às informações referentes ao anúncio de Celso Rodrigues pelo clube catarinense, o globoesporte.com noticiou o caráter provisório do profissional no cargo³⁹. O texto da matéria faz referência ao histórico de Celso Rodrigues, desde que chegou para compor a comissão técnica. No mais, o site informa sobre o próximo confronto que ocorrerá em casa (Arena Condá) contra o Palmeiras. Na página da ESPN o teor também foi referente ao cunho provisório que o

³⁹Auxiliar técnico Celso Rodrigues assume interinamente a Chapecoense. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/sc/futebol/times/chapecoense/noticia/2014/05/celso-rodrigues-auxiliar-de-dal-pozzo-sera-o-tecnico-interino-no-domingo.html>>. Acesso em: 13/11/2015.

técnico assumiu o time. Na maior parte do texto, é destacada a procura pela direção do clube, por um nome considerado mais experiente no mercado. Três nomes são citados, assim como a palavra dos diretores sobre a decisão de anunciar Celso Rodrigues como interino. Um rápido histórico sobre a chegada de Celso Rodrigues ao clube também consta no *lead* da notícia⁴⁰.

Conforme citamos anteriormente, após a contratação de Jorginho para o cargo, Celso Rodrigues voltou para a condição de auxiliar técnico. Posição que deixaria novamente para reassumir o posto de treinador da Chapecoense nas últimas rodadas do Brasileirão. Importante ressaltar que quando Celso Rodrigues assumiu novamente o comando técnico, o time ocupava a última posição do campeonato. No jogo em que marcou a reestreia do técnico a frente da casamata da Chape, uma sonora goleada por 4x1 contra o Fluminense de Cristóvão Borges, em pleno Maracanã. Em seguida, mais uma vitória contra o Botafogo em casa, e outros resultados positivos que garantiram a permanência da equipe catarinense na elite do futebol brasileiro, além de classificar a *squadra* verde do oeste para a disputa do seu primeiro torneio internacional, a Copa Sul-americana de 2015.

Mesmo com a missão cumprida, Celso Rodrigues voltou, mais uma vez, à condição de auxiliar técnico, já que o clube optou pela contratação de Vinicius Eutrópio para as disputas da temporada do ano seguinte. O ano de 2014 terminou, e a exemplo do certame anterior, com apenas dois treinadores negros a frente dos comandos técnicos dos 20 clubes que disputaram a primeira divisão, sendo que apenas Cristóvão Borges era o efetivo nessa turma.

O ano de 2014 foi marcado por dezenas de casos de racismo no futebol brasileiro e no exterior⁴¹. Dentre eles o “Caso Aranha”, ocorrido em 28 de agosto, em jogo realizado na Arena Grêmio, válido pela Copa do Brasil, quando o goleiro do Santos foi e vítima de ofensas raciais por parte de dezenas de torcedores do time local. A ação foi transmitida ao vivo pela, e uma torcedora do Grêmio foi a principal indiciada, embora não fosse à única envolvida nos xingamentos ao atleta do clube paulista. O Grêmio foi julgado e excluído pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva – STJD. O caso gerou enorme repercussão na imprensa, muito além da

⁴⁰Interino Celso Rodrigues assume comando da Chape contra o Palmeiras. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/412922_interino-celso-rodrigues-assume-comando-da-chape-contra-o-palmeiras>. Acesso em 20/10/2015.

⁴¹Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol, com todos os casos do ano de 2014. Disponível em: <http://observatorioracialfutebol.com.br/relatorios/2014/Relatorio_dos_casos_de_Discriminacao_Racial_no_Brasil_2014.pdf>. Acesso em: 15/11/2015.

esfera esportiva. E mesmo assim, pouco se tratou da questão dos técnicos negros e seu espaço de trabalho e fala no cenário do futebol brasileiro.

Entrando no último ano a ser examinado neste estudo, 2015 seguiu o panorama dos anos anteriores já tratados por aqui. Cristóvão Borges seguiu no Fluminense até ser demitido em março. A competição nacional começou em maio, porém, só na última semana do referido mês, o Campeonato Brasileiro contava com a presença de **três técnicos negros** entre os vinte clubes envolvidos na disputa. Hemerson Maria (Joinville), Cristóvão Borges (Flamengo) e Roger Machado (Grêmio). **Um feito inédito e histórico na competição**⁴². Contudo esse número durou menos de uma semana, ou apenas duas rodadas do campeonato. Roger foi anunciado pelo tricolor gaúcho em 30 de maio, enquanto Hemerson foi demitido dia 4 de junho, após um ano e meio de trabalho. O fato, trio de treinadores negros na Série A, poderia servir como uma futura efeméride para referências em discussões e debates nos espaços midiáticos que cobrem o desporto. Não obstante, novamente passou batido pelos olhares do jornalismo esportivo, pouco atentos a essa questão.

4.2.4. O caso Roger Machado

Após a demissão de Luiz Felipe Scolari, em maio de 2015, Roger assumiu o comando técnico do Grêmio no dia 26 de maio, em meio à disputa do Campeonato Brasileiro e da Copa do Brasil. Ao contrário do perfil de seu antecessor no cargo, assumiu um comandante calmo e ponderado, que logo conquistou a confiança do grupo de jogadores do Grêmio. A condição de ídolo que foi do time gaúcho

O site da ESPN noticiou o ocorrido com enfoque na economia em que o Grêmio estava realizando, ao gastar menos como novo técnico do que investia mensalmente pelos serviços prestados por Felipão⁴³.

⁴² Considerando a disputa desde 1971, em nenhum outro momento houve um número tão expressivo de técnicos negros treinando times da primeira divisão do Campeonato.

⁴³ Por menos de R\$ 150 mil, Grêmio contrata ex-lateral Roger Machado como técnico. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/512981_por-menos-de-r-150-mil-gremio-contrata-ex-lateral-roger-machado-como-tecnico>. Acesso em 17/11/2015.

Figura 12 – ESPN e o técnico mais barato



Fonte: espn.uol.com.br

O resto da matéria contém as informações básicas sobre a economia que o clube terá com a nova contratação, e ainda reproduziu a nota oficial, emitida pela assessoria de imprensa do clube, com a confirmação de Róger no cargo. A vinculação do técnico como ídolo do time nos anos 90 também foi lembrada. No globoesporte.com, a matéria de anúncio da contratação foi maior. Contém o histórico do novo treinador como jogador e seus títulos conquistados pelo clube, e a própria proximidade com Felipão sendo uma de suas principais referências na carreira, além das experiências em trabalhos anteriores no próprio Grêmio, na condição de auxiliar técnico, e em equipes do interior do Rio Grande do Sul antes de chegar ao tricolor, também foram abordadas⁴⁴.

⁴⁴ Grêmio anuncia contratação de Roger Machado para o lugar de Felipão. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2015/05/gremio-anuncia-roger-machado-como-tecnico-para-lugar-de-felipao.html>>. Acesso em 17/11/2015.

Figura 13: Assume o discípulo no lugar do mentor



Fonte: globoesporte.globo.com

O trabalho de Roger segue firme no comando do tricolor. Com o mesmo elenco que Scolari tinha nas mãos, o técnico surpreendeu torcida e imprensa (local e nacional) com uma ótima campanha e boas exibições de sua formação em campo. O contrato que vai até o final da temporada 2015, já está em tratativas de renovação e expansão no prazo para que o treinador siga seu projeto. Clubes como o São Paulo também ventilaram o nome de treinador para trabalhar no time paulista. Com apenas 40 anos de idade, o profissional conquista cada dia mais o seu espaço no mercado de técnicos do futebol brasileiro.

Como se pode perceber desde 2013 até novembro de 2015, em nenhum momento o fato de os técnicos negros contratados pelos times da elite do futebol brasileiro foi citado. Nesse período dezenas de casos de racismo envolvendo jogadores e torcedores foram noticiados. Antes, porém, vale lembrar que essas ocorrências foram devidamente divulgadas e repercutidas no espaço midiático ocupado pelo jornalismo esportivo, pois se tratavam de atos explícitos de racismo. Entretanto, o preconceito velado, o racismo às avessas, permanece silenciado pelo jornalismo que atua na área do desporto.

No mundo do futebol, quando se tem a intenção de “derrubar” um técnico, é um processo fácil. Tanto do lado interno de um time (vestiários, dirigentes, conselheiros), e principalmente, do lado externo, onde a torcida, na condição de “público consumidor” do esporte bretão, recebe com facilidade as notícias veiculadas pela imprensa esportiva. A famosa

“pressão” que envolve o trabalho de um profissional que comanda um grande clube de futebol, passa pelos microfones e páginas do jornalismo. Rende interesse, logo audiência, por consequência, retorno publicitário para a manutenção desses meios de comunicação.

Uma troca de técnico sempre movimentava os bastidores do futebol. Nomes são cogitados e ventilados a revelia, via de regra são sempre os mesmos. Pouco se escuta os dos treinadores negros. Em quase nada se nota o espaço de fala e imagem para os que não estão empregados. E quando estes alcançam um lugar em um desses postos de trabalho, ou seja, na condição de chefia, o fato de ser negro e ter superado as adversidades no ramo de atuação, sequer é lembrado.

Sabemos que o jornalismo esportivo é potencialmente uma realidade, e é captada pelos seus autores (jornalistas), e condicionadas ao seu contexto e posição social que são refletidas em seus noticiários e consumidas pelo seu público, que por sua vez, está longe de ser uma tábula rasa, de maneira que esse consumidor de informação pode atribuir diversos significados passíveis de conflitos de opiniões distintas do seu interlocutor. Nesse sentido, Chartier argumenta que:

[...] há uma tensão. Mas ela não cria dispersão ao infinito, na medida em que as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância é singular. Mas essa singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que esse leitor seja semelhantes a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade. O que muda é o recorte dessas comunidades, segundo os períodos, não é regido pelos mesmos princípios (CHARTIER, 1998, 91-92).

Dentro desse recorte temporal (2013-2015) pudemos observar a hipótese inicial desse estudo, sobre a ocultação dos técnicos negros no futebol brasileiro nos noticiários dos sites esportivos selecionados, bem como pela negligência no jornalismo esportivo em tocar nesse tema.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de apresentar um breve histórico sobre o negro no futebol brasileiro, desde a sua veemente exclusão nos primórdios da implantação do “violento esporte bretão” até os períodos de resistência e integração, a partir do profissionalismo, o futebolista negro superou diversas barreiras até alcançar o protagonismo dentro das quatro linhas. Contudo, o espaço inerente às hierarquias estruturais do futebol no Brasil continua limitado. A troca de técnicos é culturalmente uma prática toda como normal entre os times da elite. E mesmo com o passar do tempo vigoram praticamente os mesmos nomes como opções no “mercado de treinadores” do país.

Os chamados grandes clubes que formam essa elite do esporte mais popular do país, contam com milhares de seguidores de múltiplas etnias e extratos sociais. Vivem sob os holofotes da imprensa esportiva, sempre atenta aos movimentos rotineiros que são noticiados no cotidiano. Essas agremiações seguem à risca a questão cultural onde a capacidade do negro é sempre posta em cheque quando esses profissionais buscam alcançar e ocupar espaços de chefia, como é o caso da função de técnico. É ainda mais raro alcançar um cargo de dirigente do alto escalão dentro desses clubes, com raríssimas exceções que fogem à regra.

Ao longo desta monografia apresentamos o número de dez notícias referentes aos anúncios de contratações, ou de promoção na função de comandante técnico, das quais apenas cinco desses profissionais são negros. A contar o período em que selecionamos para analisar os casos (2013-2015), ocorreram setenta e sete trocas de treinadores (77) nos times da primeira divisão do campeonato brasileiro, sendo que no total desse número apenas são dos técnicos são da etnia negra. Sendo que dois desses ascenderam da condição de interinos, e apenas um foi efetivado no cargo. Procuramos não aprofundar a discussão sobre o mérito nessas trocas, visto que isso tangenciaria ao tema a qual nos propomos a tratar neste estudo.

O que mais importava a ser feito nessa monografia, era selecionar notícias que envolvessem os técnicos negros, ao assumirem um time da elite do futebol brasileiro. Em seguida, observar como o jornalismo esportivo, através dos dois sites eleitos para essa análise, tratava o fato deles serem negros. Nossa hipótese inicial era de que, ao não citar ou referenciar a chegada de um negro ao comando de equipes seletas do esporte nacional, era sim uma forma intrínseca e involuntária de mascarar um problema de discriminação racial que ocorre no mundo

do futebol. Um racismo velado que passa despercebido pela imprensa esportiva brasileira, e só é prontamente tratado nos casos mais extremos, com ocorrências raciais explícitas.

Procuramos também, contextualizar e fazer a leitura de cada caso com referenciais teóricos para embasar as análises das notícias que trouxemos até aqui. O argumento de que essa questão racial entre dirigentes de clubes e treinadores não é um problema a ser resolvido pela imprensa, não é desculpa. O jornalismo tem sim, o dever de buscar alternativas fomentando discussões e debates dentro de seus largos espaços no campo midiático do qual faz parte. Se esquivar disso, é ser conivente com o discurso entoado pelo senso comum de que o racismo é um problema estrutural institucionalizado (e sabemos que de fato realmente é), ou seja, o modo de fazer ou de pensar independente do indivíduo.

Para exemplificar melhor, Sodré (2012) destaca que o racismo midiático é suscitado por fatores na seguinte ordem: negação, recalçamento, estigmatização e indiferença profissional. Isto é, um racismo velado que gera um simbolismo pouco perceptível aos olhos do seu público (meios de comunicação). A invisibilidade simbólica é persistente nos meios de comunicação social. Não se trata de um racismo explícito, e sim de um preconceito velado quanto à condição do negro em exercer suas habilidades e competências profissionais. Nesse simbolismo, BOURDIEU (1984) propõe que é preciso “compreender objetivamente o mundo em que se vive é necessário compreender a lógica desta compreensão”⁴⁵. Ou seja, observamos através deste estudo que o jornalismo esportivo enquanto campo e gênero jornalístico falha na percepção das nuances que estão engendradas na cobertura diária do desporto.

Pudemos notar que o valor notícia que é tratado e difundido nas informações produzidas pelo jornalismo segue à risca os conceitos que SODRÉ (2012) chama de *logotécnicos*, uma neo-retórica que reproduz um discurso público que incorre ao senso comum, sem a devida mediação da diversidade composta pelos atores sociais presentes nos acontecimentos que são relatados pelos meios de comunicação e mídia. Seguindo essa lógica de raciocínio sobre o papel da comunicação social, em especial o jornalismo, Van Dijk (2008) aponta que a maior parte das investigações relacionadas ao racismo são focadas nas formas de exclusão, desigualdade socioeconômica e atitudes preconceituosas de cunho étnicos raciais. Essa abordagem feita pelo jornalismo não deixa de ser importante, mas não é suficiente para explicar ao público

⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. *Homo Academicus*. Paris, Minuit, 1984, p. 31.

receptor as variadas procedências do racismo e nem dos métodos de suas reproduções no cotidiano.

Destarte, o racismo segue enraizado desde os processos de aprendizagem infantil, por meio de uma cultura da diferença, e que são vastamente discursivos, sendo apreendidos e baseados por meio de formas de textos e falas presentes nos mais variados eventos comunicativos. Ainda em conformidade com Van Dijk (2008), o autor examina a ocorrência de que: “As pessoas aprendem a ser racistas com seus pais, seus pares (que também aprendem com seus pais), na escola, com a comunicação de massa, do mesmo modo que com a observação diária e a interação nas sociedades multiétnicas.” (VAN DIJK, 2008, p.15).

Como bem sabemos, os discursos midiáticos são dominantes. O que é noticiado é vendido e propagado como verdade, e o que não é simplesmente parece não existir. Nesse ponto surge a normalização da exclusão, do esquecimento, dessa forma de ocultação involuntária que o jornalismo deixa de retratar o negro.

Olhando por um outro prisma, há quem indague sobre quanto o jornalismo tem a ver com essa questão, se de fato, esse racismo velado presente no jornalismo enquanto uma instituição contribui para a difusão dos discursos hegemônicos.

A resposta não é difícil. A reprodução do *status quo* étnico assume um consenso que legitima os discursos dominantes e suas ideologias subjacentes de normatização. A ausência em tratar o tema com a devida consideração é sim uma falha na responsabilidade do jornalismo e sua condição de prática social, sendo ele um mediador entre as tensões sociais através de seus noticiários.

Não há como negar, ou esconder o racismo às avessas que ocorre nos meios de comunicação, desde as estâncias gestoras, passando pelas bancadas de comunicadores até os discursos produzidos. Não por preconceito explícito por parte do jornalismo. E sim, pela normatização e pelo simbolismo que isso representa na nossa “democracia racial” tão exaltada na obra de Gilberto Freyre e reproduzida no livro de Mario Filho. Hoje, podemos não só contestar esse conceito de democracia racial, como também problematizar essa questão nas discussões acerca do campo da história do nosso país. Contudo, é necessário para o jornalismo esportivo tomar partido e fazer sua autocrítica.

REFERÊNCIAS

- ALCOBA LÓPEZ, Antônio. **Periodismo Deportivo**. Madrid: Sintesis, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BARRETO, Lima. **Toda a Crônica** (vol.A). Rio de Janeiro, Agir. 2004.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo Academicus**. Paris, Minuit, 1984.
- BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1997.
- CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP e Imprensa Oficial SP, 1998.
- COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.
- CORNU, Daniel. **Jornalismo e Verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Instituto Piaget. 1999.
- DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- ELIAS, N. e DUNNIG, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- GASPAR, Lúcia. *Gentil Cardoso*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 26/09/2015.
- GOMIS, Lorenzo. **Jornalismo e negociação entre fontes**. Estudos em jornalismo e mídia. Volume 1, número 1, Florianópolis: 2004.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. 7 Letras, 2012.
- JESUS, Gilmar, M. de. **O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre**. IN: *Anos 90*. Porto Alegre, n.11, julho de 1999.
- MIGUEL, Luis Felipe. **O jornalismo como sistema perito**. Tempo Social: revista de sociologia da USP, São Paulo, v.11, n.1, p.197-208, 1999.
- MURAD, Maurício. **Corpo, magia e alienação – o negro no futebol brasileiro: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social**. Pesquisa de Campo, p 71-78. Rio de Janeiro:1994.
- OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. **Futebol na imprensa: uma releitura histórica**. Pesquisa de Campo. n.3-4, p.21-28. Rio de Janeiro:1996.

PLACAR, Revista. Edição nº 1376, páginas 54 a 58. Março de 2013.

RAMONET, Ignácio. **A explosão do jornalismo**: das mídias de massa à massa de mídias. São Paulo: Publiser, 2012.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro, Ed. Pongetti: 1947.

RODRIGUES, Nelson. **A Pátria em Chuteiras**. São Paulo: Companhia das Letras: 1994.

RODRIGUES, Mario Filho. **O negro no foot-ball brasileiro**. Rio de Janeiro, Ed. Pongetti: 1947.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Gilberto F. da SANTOS, José A. e CARNEIRO, Luiz Carlos da C.. (Org.). **RS Negro**: cartografias sobre a produção do conhecimento. EDIPUCRS, 2ª edição. Porto Alegre: 2010.

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo**: construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** – Volume I: Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

_____ (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

VAN DIJK, Teun A. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

Fontes:

CARVALHO, Marcelo Medeiros; SILVERA, Débora. Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol. <http://observatorioracialfutebol.com.br/relatorios/2014/Relatorio_dos_casos_de_Discriminacao_Racial_no_Brasil_2014.pdf> Acessado em 17/10/2015.

COSTA, Alexandre da. <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/o-primeiro-rei-do-futebol>> Acessado em: 25/09/2015.